



O COMUNISMO REVOLUCIONÁRIO

JORNAL INTERNACIONAL DA RCIT

UM MUNDO - UMA LUTA - UMA REVOLUÇÃO



www.thecommunists.net

Edição N°2

Abril 2016

ABAIXO O GOLPE NO BRASIL!

* Brasil: Zika Virus

* Defender a revolução Síria

* Terror em Bruxelas

* Portugal: Contra a Austeridade

* Cuba Vendida?

* Rússia e China – Grandes Potências

Preço: R\$ 4,00,-

Jornal em Português da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), N°2, Abril 2016

A PRISÃO DE LULA É UMA OUTRA ETAPA NO PROCESSO GOLPISTA	p.3
Brasil: Zika Vírus	p.5
ATÉ QUANDO OS GRANDES ÍDOLOS DE FUTEBOL DO BRASIL!	p.7
Defender a revolução Síria - Derrotar Assad – Rússia, OTAN e todos os Outros Agressores Estrangeiros para Fora da Síria!	p.9
Terror em Bruxelas: A Guerra Chegou em Casa	p.11
Portugal: Por uma Ofensiva dos Trabalhadores contra a Austeridade!	p.13
Ultra-esquerdismo e a destruição do Estado de Israel - uma resposta à Corrente Operária Revolucionária de Argentina!	p.15
Resumo – Cuba Vendida?	p.17
Rússia e China – Grandes Potências Imperialistas	p.19
O que o CCRI defende	p.31

Publicado pela *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (CCRI, em inglês RCIT). O CCRI possui seções e ativistas no Paquistão, Sri Lanka, Brasil, Israel/Palestina Ocupada, Iêmen, Tunísia, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha e Austria.

Corrente Comunista Revolucionário Internacional (CCRI)
www.thecommunists.net - rcit@thecommunists.net - +43 (0)650 406 83 14
Füchselhofgasse 6, 1120 Vienna, Austria

A PRISÃO DE LULA É UMA OUTRA ETAPA NO PROCESSO GOLPISTA

Construir comitês de Luta! Mobilizações de Massa contra os Conspiradores Golpistas! Mas Nenhuma Confiança no Governo Pró-Austeridade do PT/PMDB!

Declaração da CCR (Seção do CCRI no Brasil, 09 de Março de 2016

1. Sexta-feira, 4 de março, 2016, um dia para ficar na história. Polícias federais foram até o apartamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na cidade de São Bernardo do Campo, para detê-lo e levá-lo ao aeroporto de Congonhas, onde, dependendo das circunstâncias, poderia ser enviado ao Estado do Paraná perante o juiz federal Sergio Moro, em que possivelmente a essa hora já estaria preso por tempo indeterminado. O imenso aparato militar garantiu um verdadeiro reality show político para alegria da imprensa golpista, dos setores políticos de direita fascista e da raivosa classe média. Um espetáculo montado deliberadamente por ordem do juiz federal Sérgio Moro, nossa versão nacional do senador americano Joseph McCarthy, de triste memória na história americana.

2. Lula da Silva só não enviado de Congonhas à prisão do Paraná porque as multidões saíram em seu apoio nas várias capitais do país. Em São Bernardo houve enfrentamento entre grupos de direita e militantes pró-Lula transmitidas ao vivo pelas redes de televisão, causando um choque emocional em rede nacional. Durante o dia as manifestações foram se repetindo. No aeroporto de Congonhas, o que deveria ser a primeira escala da prisão era tanta gente que a polícia federal tratou de esclarecer que *“não é uma prisão, é somente uma investigação de rotina para esclarecimentos!”*.

3. Para levar Lula para prestar depoimento, foi usada a “condução coercitiva”. Uma arbitrariedade jurídica e uma ilegalidade usada agora contra Lula, mas que já vinha sendo usada contra vários políticos e empresários principalmente ligados ao Partido dos Trabalhadores-PT. A definição legal para “condução coercitiva” está prevista em lei para levar à força aquele se negar a prestar um depoimento de forma voluntária ao ser intimado, o que não foi o caso do ex-presidente, pois não foi sequer intimado. Tratou-se simplesmente de uma demonstração de força da direita golpista com apoio do judiciário, da mídia com especial destaque para as Organizações Globo, tendo como atores principais os “bons moços” da polícia federal e o “vilão” sendo Luís Inácio Lula da Silva. O tiro saiu pela culatra. Lula da Silva mostrou que ainda possui um largo apoio da população mais humilde, dos movimentos sociais e do movimento sindical.

4. Lula fez críticas à atuação do Ministério Público Federal e do juiz federal Sérgio Moro, que autorizou a operação da PF. O ex-presidente chamou de *“show pirotécnico”* a atuação da Justiça no caso. *“Lamentavelmente preferiam usar a prepotência, a arrogância, o show de pirotecnia. É lamentável que uma parte do Judiciário esteja trabalhando com a im-*

prensa”. O ex-presidente da República reiterou que não se nega a depor à PF, e que bastaria um convite. Em tom de ironia, disse que *“a partir da semana que vem, quem quiser um discursinho do Lula, é só acertar passagem de avião, de ônibus não porque demora muito”, que ele estaria disposto “a andar pelo país”*. O ex-presidente disse ainda ter se sentido *“ultrajado”* e *“magoado”* com a ação da Polícia Federal. Ele acrescentou que o episódio serviu para *“levantar a cabeça”* do PT, que *“há muito tempo está de cabeça baixa”*. Indicando que poderia ser candidato a presidente em 2018 emendou *“Para me derrotar vão ter de me enfrentar nas ruas”*.

O processo Golpista e a posição do CCR (seção nacional do CCRI)

5. Não há garantias nenhuma de que Lula poderá ser candidato em 2018, assim como não há garantias de que a própria presidente termine o seu mandato faltando quase dois anos, haja vista o processo de impeachment em andamento. Como já afirmamos em documentos anteriores, existe um processo golpista no Brasil patrocinado pelo imperialismo americano e europeu. A luta do judiciário e da imprensa golpista não é a luta contra a corrupção e muito menos contra o suposto comunismo dos governos do PT. De acordo com o nosso documento de 13/08/2015*1 *“O que está em jogo, muito mais do que a corrupção, é a pressão do imperialismo e da burguesia nacional, entre muitas outras coisas, para os seguintes projetos: a privatização total do Pré-Sal, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, da implantação total do contrato da terceirização (projeto 4330 do congresso nacional), de implantar restrições ou mesmo eliminação aos direitos de férias, décimo terceiro, Fundo de Garantia, licenças maternidade, etc. Tal amplo e brutal projeto de ataque é muito mais do que os governos petistas poderiam realizar sob pena de perder completamente sua base de apoio social nas massas trabalhadoras e é isso que explica o movimento golpista.”*

6. Numa concretização do golpe todos os grupos e movimentos de esquerda (ou considerados de esquerda), todos os movimentos sociais, organizações de bairros, partidos políticos progressistas, movimentos grevistas, sindicatos, todos de alguma forma sofrerão na pele o avanço da repressão semifascista. Porém, é necessário deixar bem claro: Nós não apoiamos o governo de Frente Popular do PT/PMDB. Devemos combater não só o movimento golpista, mas também as duras medidas de ataques feita pela presidente Dilma Rousseff, tais como a entrega do pré-sal e a nova reforma da previdência.

7. Nós insistimos em reafirmar a nossa declaração de que “acima de tudo, contra o golpe é urgente a necessidade da população trabalhadora e dos oprimidos em se organizar para enfrentar a ameaça golpista. A ameaça do golpe não será derrubada através de acordos parlamentares ou manobras jurídicas. É a população trabalhadora e a juventude da periferia e dos sertões em todo o país que deverá fazer esse combate. É preciso se organizar em comitês de luta nos locais de trabalho, nos bairros, nas favelas e formar comitês populares contra o golpe.”

8. Chamamos a CUT, a Frente Popular de Esquerda, o MST, os setores militantes do PT e de outras organizações de massa a realizar um congresso nacional dos delegados o mais rapidamente possível. Tal democrático congresso deve discutir e decidir um plano de luta contra os golpistas para uma ação imediata.

9. É necessário que as organizações operárias e populares rompam com o governo de Frente Popular PT/PMDB para se organizarem e lutarem independentemente dela.”

10. Além de tudo é necessário construir um verdadeiro partido revolucionário de trabalhadores como parte de um Partido Mundial da Revolução Socialista

- Não ao golpe do impeachment e nem a convocação de novas eleições!

- Mobilizar as massas a irem às ruas contra as medidas de ataques do governo Dilma e ao mesmo tempo contra o processo golpista!

- Mobilizar para uma grande manifestação antifascista no dia 13 de março!

- Criação de Comitês de Luta nas fábricas, nos bairros, nas favelas, nas periferias, nos sindicatos em defesa dos nossos direitos e contra qualquer movimento golpista! Por mobilizações de massa contra os conspiradores! Mas nenhuma confiança no governo pró-austeridade do PT/PMDB!

(1) <http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/contragolpe-fascista/>

<http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/instituto-lula-e-alvo-de-ataque-a-bomba-assista-1529.html>

<http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/manifestacoes-golpistas/>

<http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/may-day-statement-2015/>

<http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/panfleto-29-5-2015/>

<http://brasilescola.uol.com.br/historia-da-america/macartismo.htm>



Manifestação contra o processo de Impeachment da Presidenta Dilma Roussef, em 18/03/2016 São Paulo

Tragédias Boate Kiss e Mariana e A propagação do Zika Vírus, o que elas têm em comum? A busca desenfreada do Lucro e a exploração no sistema capitalista!

É necessário discutir o direito ao aborto!

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária (CCR), 9.2.2016

Em janeiro de 2013 aconteceu a tragédia em Santa Maria-RS com a morte de 230 pessoas, conforme relatamos em nosso artigo da época *1. Em 05 de novembro do ano passado um tsunami de 62 milhões de metros cúbicos de lama aniquilou o vilarejo de Bento Rodrigues, um vilarejo da cidade histórica de Mariana-MG*2. Esse tsunami invadiu o rio Doce, um rio brasileiro da Região Sudeste do país, que banha os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Com cerca de 853 km de extensão, seu curso representa a mais importante bacia hidrográfica totalmente incluída na Região Sudeste. Pois bem, os resíduos de lama tóxica contaminaram toda a extensão do rio Doce alcançando o oceano Atlântico e causando o que está sendo chamado de o maior desastre ambiental

da história do Brasil. O rio está tecnicamente morto. Dizem que levará dezenas de anos para sua recuperação. Milhares de pessoas desabrigadas, centenas de pescadores perderam o seu ganha-pão, o turismo afetado, vidas destruídas. A empresa causadora do desastre? A Samarco, subsidiária da poderosa multinacional Vale do Rio Doce, que por si é sócia da anglo-australiana BHP Billiton.

O zika vírus) é um vírus transmitido através da picada do mosquito *Aedes aegypti*, causa a doença conhecida como febre Zika que embora raramente acarrete complicações para seu portador, apresenta indícios de microcefalia congênita, quando adquirido por gestante, afetando o feto*3. No primeiro semestre de 2015, já havia casos confirmados em estados de todas as regiões do país. Com



Manifestação contra o processo de Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, em 18/03/2016 São Paulo

sintomas mais brandos que os da dengue e os da febre chikungunya (doenças também transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*), a zica chegou a ser inicialmente ignorada pelas autoridades de saúde. Porém, com a propagação do vírus pelo Brasil, chegando à América Latina e Europa não foi mais possível fazer de conta que que nada estava acontecendo. Enquanto a contaminação do zika vírus esteve restrito às camadas mais pobres da população era possível tratar o assunto como algo localizado, mas com a sua forte propagação, mesmo os moradores dos bairros mais ricos das grandes cidades estão vulneráveis.

Em início de fevereiro deste ano, a Organização Mundial de Saúde-OMS declarou que o combate ao zika vírus deve ser considerado uma emergência de saúde pública de interesse internacional. Essa mesma OMS foi duramente criticada recentemente por ignorar a extensão do perigo do vírus Ebola que matou milhares de pessoas no continente africano. Quanto às olimpíadas de 2016 marcadas para o com Rio de Janeiro, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) informou que seus atletas podem considerar não disputar os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em agosto, horas depois o USOC veio a desmentir.

Enquanto a tragédia da boate Kiss foi resultado da ganancia empresarial que subornava funcionários públicos para ignorar as falhas de segurança, e a tragédia em Mariana seguiu o mesmo roteiro, a propagação do Zika vírus no Brasil e no resto do mundo está relacionada primeiramente à falta de condições com relação ao saneamento básico nos bairros mais pobres e favelas, ou seja, é evidentemente um problema que começou pela desigualdade social. Porém os governos municipais, estaduais e o federal preferem colocar a culpa no cidadão pelo seu “descuido em não eliminar os criadouros do mosquito”.

A repercussão nacional e mundial da possibilidade de se espalhar como uma epidemia causando a microcefalia em fetos e futuros bebês está trazendo à tona uma discussão sobre o aborto nunca visto no país. Agora tenta-se discutir sobre a liberação do aborto para além do que já é permitido em lei (casos de estupro e anencefalia, quando o feto se desenvolve sem o cérebro), um recurso neste sentido está sendo elaborado para ser entregue ao Supremo Tribunal Federal-STF*4. A igreja católica e os setores religiosos conservadores já se manifestaram contra tal liberação, de qualquer forma, a tendência é que desta vez a discussão extrapole a questão moral. Em uma declaração sobre o impacto da crise para os direitos das mulheres, o Alto Comissariado do Direito das Mulheres das Nações Unidas, Zeid Al Hussein, apelou aos países afetados pelo vírus que permitam que as mulheres tenham acesso a métodos contraceptivos e ao aborto.

O aborto no Brasil já está liberado há muitos anos, mas somente para as famílias mais ricas, que quando desejam que suas filhas façam o ato pagam de 5 mil a 20 mil reais em clínicas especializadas, enquanto milhares de mulheres e jovens trabalhadoras são obrigadas a recorrer às improvisações de fundo de quintal. O website do jornal “O Globo” que entre 7,5 milhões e 9,3 milhões de mulheres interromperam a gestação no Brasil entre 2004 e 2013. Apesar de afetar milhares e custar aos cofres públicos pelo menos R\$ 142 milhões por ano, o aborto continua sendo tratado como uma questão evitada nas campanhas à Presidência da República, e a maioria dos candidatos, mesmos os considerados progressistas, procuram fugir

do assunto.

Nós do CCR, seção brasileira do RCIT, defendemos o direito às mulheres de decidir sobre o seu próprio corpo. Impedir a mulher de ter autonomia sobre seu próprio corpo é uma forma brutal de opressão. Em nosso manifesto (Capítulo V com o título *Luta conjunta pela libertação das mulheres!*) deixamos claro o que pensamos com relação ao tema quando afirmamos que “*Em toda a história da humanidade o sistema de exploração de classe desde o início existiu lado a lado com as formas de opressão política (pelo Estado) e da opressão social de grupos específicos. (Por exemplo, mulheres, jovens, etc.) A opressão das mulheres é, portanto, profundamente enraizada na história da sociedade de classes e só podem ser eliminadas com a extinção da exploração de classe. Portanto, a luta pela libertação das mulheres é naturalmente intimamente ligada com a luta pelo socialismo.*”

*1.<http://elmundosocialista.blogspot.com.br/2013/02/the-tragedy-in-santa-maria-rio-grande.html>

*2. https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Bento_Rodrigues/
https://en.wikipedia.org/wiki/Bento_Rodrigues_dam_disaster

*3. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Microcefalia>

*4. <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,contra-microcefalia-onu-recomenda-liberar-aborto-na-america-latina,10000015136>
<http://www.thecomunists.net/home/portugu%C3%AAs/capitulo-v/>



ATÉ QUANDO OS GRANDES ÍDOLOS DE FUTEBOL DO BRASIL VÃO SE OMITIR COM RELAÇÃO AO RACISMO, AOS PRECONCEITOS E ÀS BRUTAIS DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL?

Por Joao Evangelista (Corrente Comunista Revolucionária), 24 de fevereiro de 2016

1. Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, ou somente Sócrates, não o grande filósofo grego, mas o grande jogador de futebol, e formado em medicina, que com seus companheiros de seleção brasileira encantou o planeta na Copa do Mundo de 1982, em Espanha. Pois bem, a ditadura militar do Brasil termina oficialmente no ano de 1985, com a eleição, pelo colégio eleitoral, de Tancredo Neves. Porém Sócrates notabilizou-se também por sua militância política, particularmente nos anos 1980, quando liderou um movimento pela democratização do futebol e também do país. Participou do movimento pelas "Diretas já!", ou seja, ele foi um militante ativo pelo direito de eleger pelo voto direto e secreto o presidente da República.

2. Sócrates faleceu em 2011 e deixou saudades e lições. Não só um gênio do futebol, também um lutador militante pela democracia. Comparativamente podemos dizer que ele foi a versão nacional do boxeador estadunidense Cassius Clay (Mohamed Ali) que se recusou ser enviado à guerra do Vietnã e os atletas olímpicos de 1968, Tommie Smith e John Carlos, em seu corajoso protesto contra o racismo, que causou escândalo na época. Mas Sócrates era uma feliz exceção em todos os sentidos. Infelizmente não foi e não é esse o modelo para os ídolos recentes.

3. Para efeito de comparação, testemunhamos recentemente dois ídolos se manifestarem com relação a

polêmicas muito atuais. O jogador da seleção portuguesa e do Real Madrid, Cristiano Ronaldo, duas vezes o melhor do mundo pela Fifa, ao final da partida entre Portugal e Israel pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2014 recusou-se a trocar sua camisa com a de um jogador de Israel. Questionado sobre a recusa, afirmou: "Não troco minha camisa com assassinos". O fato não foi noticiado pela mídia brasileira. Em outra oportunidade, Cristiano Ronaldo já havia leiloado chuteiras com o objetivo de angariar recursos para entidades de educação palestinas e vítimas de bombardeios israelenses.

4. A cantora americana Beyoncé Giselle Knowles Carter, mais conhecida mundialmente como Beyoncé, na final do último Super Bowl, há poucas semanas apresentou por apenas dois minutos a seu recém sucesso, Formation, recheado de versos de protesto contra a imposição dos padrões de beleza branco ao resto da sociedade; com valorização à cultura, aos costumes e à negriude; além de explícitas referências aos inúmeros e recentes casos de violência policial contra os negros nos Estados Unidos. O fato causou uma massiva repercussão nas redes sociais. Instantes depois, a hashtag [#BoycottBeyoncé](#) se se espalhou no twitter com uma enorme quantidade de mensagens criticando a apresentação. O protesto político-social da cantora, nesse contexto em que alguém como Donald Trump pode vir a ser candidato à presidente, e



Joao Evangelista representane do CCR discursa na assembleia do Sindicato Sinpeem em Março de 2016 contra o Golpe!

com a reação raivosa da extrema direita, mostra o quanto a sociedade americana está longe de ser uma democracia.

5. Edson Arantes do Nascimento, o nosso maior exemplo de perfeição futebolística, reconhecido mundialmente, o denominado "atleta do século", nos anos 80, em plena campanha pela democratização do país, contra a ditadura militar chegou a declarar que *"O povo brasileiro não está preparado para votar, por falta de prática e de educação. Vota mais por amizade!"*. Além disso, Pelé sempre negou que havia racismo no futebol, aliás, na mente de Pelé o racismo simplesmente não existe, é uma ilusão de ótica de quem vê, e do supostamente pouco que ele enxerga, ele recomenda não denunciar, não protestar. Pelé é um verdadeiro "Pai Thomas".

6. Ronaldo Luís Nazário de Lima, mais conhecido como Ronaldo, Ronaldo Fenômeno ou ainda Ronaldinho, é considerado por especialistas como um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos. Pois bem, esse mesmo Fenômeno, ao fazer um comentário sobre a discriminação racial nos estádios de futebol, disse uma inacreditável frase *"Acho que todos os negros sofrem (com o racismo). Eu, que sou branco, sofro com tamanha ignorância!"*. Mas ignorância é a dele ao não perceber que ele é afrodescendente. Ronaldo Nazário recentemente se uniu às manifestações pelo impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff, assim se alinhando aos setores mais reacionários e conservadores para defender o golpe de estado. Durante as preparações para a Copa do Mundo de 2014, com vários protestos, reprimidos pela polícia, contra os absurdos gastos de verbas públicas, obviamente retiradas da saúde, educação e habitação, Ronaldo Nazário declarou *"Não se faz Copa do Mundo construindo hospitais!"*. É lógico, sendo ele milionário, ele e sua família tem acesso aos melhores hospitais.

7. Romário de Souza Faria, mais conhecido apenas como Romário, campeão mundial de futebol em 1994 quando o evento aconteceu nos EUA. Foi eleito senador no Estado do Rio de Janeiro, pelo PSB-Partido Socialista Brasileiro, que aliás, de socialista não tem nada. Pois bem, Romário se destacou no parlamento em ferozes discursos contra a corrupção no futebol brasileiro e na Fifa. Atualmente é presidente do PSB no Estado. Em abril de 2015, concedeu uma polêmica entrevista à revista esportiva Placar em que revelou pela primeira vez o desejo de um dia se tornar prefeito do Rio de Janeiro e disse uma frase emblemática sobre a política brasileira *"Achava que política era lugar de ladrão e sacanagem. E eu tinha razão!"*. Em seguida à publicação, o senador pediu desculpas em sua conta no Facebook e disse que se empolgou durante a entrevista. Ele afirmou em nota que *"existem ótimos políticos no Congresso Nacional"*. Quando a crise política em 2015 avançou para a tentativa de impeachment da presidente o senador declarou que é preciso ter cautela dizendo *"Independente de ser a favor ou contra (o impeachment), nós senadores queremos que o país volte a recuperar suas diretrizes de crescimento para sair dessa crise"*. No atual contexto e de forma oportunista, Romário se coloca amplamente a favor do Golpe de Estado. Mas nada é por acaso, Romário agora está jogando para a sua nova platéia: a direita reacionária e golpista. Como já informamos, ele é um dos próximos candidatos a prefeito da cidade do Rio de Janeiro em Outubro de 2016.

8. Daniel Alves, atual titular da seleção Brasileira, e ídolo no fantástico time do Barcelona, em 2014 numa partida

pelo campeonato espanhol, em mais um episódio de racismo no futebol, um torcedor do Villareal lançou uma banana em direção ao brasileiro, mas o lateral reagiu com humor ao morder a fruta antes de retomar a partida. O fato viralizou nas com as redes sociais em âmbito mundial, a grande congratulando-se com o jogador e contra o racismo. Várias personalidades se solidarizaram com Alves, inclusive o atual ídolo Neymar da Silva Santos Júnior, mais conhecido como Neymar Junior.

9. O mesmo Neymar foi vítima de racismo em janeiro de 2016 no jogo do Barcelona contra o Espanyol. No início da partida, a torcida entoava cantos racistas e, durante o jogo, quando o brasileiro tocava a bola, alguns torcedores faziam barulhos de macacos. O ex-dirigente do Barcelona, Toni Freixa, em sua conta no Twitter escreveu *"Espero que os gritos racistas a Neymar seja registrada na ata da arbitragem"*. Mas de forma absolutamente inexplicável Neymar declarou *"Não escutei os gritos. Não escuto coisas fora do campo. É difícil as coisas me incomodarem, apenas jogo futebol!"*. Neymar é um verdadeiro discípulo de Pelé.

10. Atualmente o jogador, junto com o seu pai, e o ex-presidente do Barcelona sofrem processos do judiciário espanhol e brasileiro por suposta fraude multimilionária na sua transferência do time do Santos para o time catalão. Os jornais informam que o valor da fraude ultrapassa 170 milhões de reais, com evidentes prejuízos às cores públicas deixadas de ser recolhidos como impostos. Nos jornais brasileiros, estranhamente, em vez dessas notícias relativas à suposta fraude milionária estarem nas páginas dedicadas aos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, elas estão nas páginas esportivas. Obviamente, é uma forma de esconder da população que o seu principal ídolo pode ter sonogado milhões de reais em impostos, que poderiam estar à disposição da saúde, educação, habitação, etc. Neymar e Ronaldo Nazário se equivalem.

11. Enquanto isso, milhares de jovens de todo Brasil, da periferia, das favelas sonham em ser o próximo fenômeno do futebol. Tal sonho é para muito poucos. A grande maioria dos jogadores de times de futebol no país não alcança nem a fama nem a fortuna. É uma ilusão tão grande como pensar que vai ganhar na loteria a qualquer momento. Muitos não dão valor aos estudos, largam a escola cedo para ingressar nos testes para garotos nos clubes e quando são aprovados geralmente o salário não passa de 2 salários mínimos. Quando se tornam mais adultos, sem o sucesso profissional, sem a necessária formação educacional, semianalfabetos, é que percebem que perderam parte considerável de suas vidas em busca de um sonho impossível.

Os atuais ídolos do futebol brasileiro, e alguns antigos como Pelé, são exemplos de alienação política, oportunismo, ostentação de riqueza, sonegação de impostos, omissão completa diante dos fatos mais grotescos de racismo, homofobia, machismo, etc.

Como disse uma vez o grande dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht *"Infeliz da nação que precisa de heróis!"*

<http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/nao-ao-impeachment/>

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/cristiano-ronaldo-e-israel-nao-troco-camisa-com-assassinios.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=ECCLqy-bVMg>

Defender a revolução Síria - Derrotar Assad – Rússia, OTAN e todos os Outros Agressores Estrangeiros para Fora da Síria!

No 5º aniversário do início da revolução síria: Por uma Campanha de Solidariedade Internacional em Apoio à Luta de Libertação dos Trabalhadores e Camponeses (fallahin) sírios!

Um chamado conjunto da Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em inglês-RCIT) e da Agrupación de Lucha Socialista (México), 08 de março de 2016

No 5º aniversário desde que começou, a revolução síria está enfrentando grave perigo. O povo sírio enfrenta uma miséria indescritível, como resultado do terror sem fim por parte do regime de Assad, além da agressão em curso por parte das grandes potências. De acordo com o *Centro Sírio de Pesquisa Política*, 470.000 pessoas já morreram desde o início da guerra civil e 11,5% de toda a população do país foram mortos ou feridos, enquanto uma incrível cifra de 45% do povo sírio foi deslocada!

Atualmente, com a ajuda da blitzkrieg russa e milhares de tropas iranianas, o regime de Assad ameaça liquidar a região de *Free Aleppo (Aleppo Livre)*. As grandes potências - Rússia, Estados Unidos, França, Reino Unido e Alemanha - estão todas envolvidas em uma campanha de bombardeio assassino que, sob o pretexto da "Guerra ao Terror", é dirigida principalmente contra as forças rebeldes sírias e contra a população civil. Além disso, não são apenas as forças iranianas e do Hezbollah que estão intervindo na guerra civil síria, mas os regimes reacionários da Turquia e Arábia Saudita ameaçam fazer o mesmo. Além disso, o reacionário *Daesh* (o denominado "Estado islâmico") ameaça a revolução síria por dentro. Infelizmente, a liderança do PKK/YPG - ao defender o direito legítimo do povo curdo para a autodeterminação nacional - não apoiam a revolução síria, e em vez disso está a colaborar com o regime de Assad, bem como com os EUA e a Rússia. A revolução síria ainda enfrenta um grave perigo adicional: as grandes potências estão decididas a liquidar o processo revolucionário na Síria, impondo as chamadas

negociações de Genebra. Isto não é nada mais que uma tentativa de repetir o contrarrevolucionário "processo de paz de Oslo" que terminou com rifar a primeira Intifada palestina, em 1994.

Ao mesmo tempo, os governos europeus estão ou totalmente bloqueando ou colocando em acampamentos centenas de milhares de refugiados sírios que foram obrigados a fugir do seu país devastado pela guerra. Racistas de direita e as forças fascistas estão soltando o seu ódio contra os refugiados sírios ou estão até mesmo a atacá-los de forma violenta. A Islamofobia se tornou o novo antissemitismo da Europa.

Denunciamos todas aquelas forças que se dizem socialistas (os stalinistas, os defensores do Castro-chavismo, o Partido da Esquerda Europeia, vários pseudo-trotskistas), mas, que na verdade, estão traíndo as massas por não tomar uma posição progressiva nestas lutas cruciais que são uma parte vital da luta de classe mundial. Estas forças hipócritas apoiam - direta ou indiretamente - o regime de Assad ou tomam uma posição neutra na guerra civil em vez de apoiar a revolução síria. Isto é particularmente verdade para os dois partidos "comunistas" sírios (o "Unified", assim como o "Bakdash"), que por décadas tem estado vergonhosamente como parte da "*Frente Nacional Progressista*" governista de Assad.

Da mesma forma denunciamos os partidos "progressistas" da Europa que não se opõem ao avanço da ofensiva contrarrevolucionária (a militarização, o regime de "Estado de Emergência", etc.), que também não estão lutando pelo "Open Borders" (Abertura de Fronteiras) (isto é, defender o



Ativistas do CCRI na Austria numa manifestação em solidariedade à revolução Síria em 13 e março de 2016 (esquerda: Michael Pröbsting)

direito dos refugiados de irem livremente para a Europa) e que deixam de lutar pela plena igualdade dos imigrantes (direitos civis iguais, salários iguais, igualdade da sua língua materna nas escolas e na administração pública, etc.).

A revolução síria demonstra dramaticamente a ausência dolorosa de um partido revolucionário enraizado na classe trabalhadora. Só esse partido seria capaz de avançar e organizar as numerosas e heroicas iniciativas locais de trabalhadores sírios, jovens e fallahin para administrar seus bairros e armar-se contra os inimigos do povo. Tal partido avançaria a formação de sindicatos independentes. Só esse partido seria capaz de combinar a luta democrática contra a ditadura junto com uma perspectiva socialista do Governo de trabalhadores e Fallahin com base milícias e conselhos populares que iria destruir o aparelho de Estado baathista, expropriaria a burguesia, e assumiria a riqueza do país, a fim de colocá-lo a serviço do povo.

É só por causa da ausência de tal partido que elementos corruptos, bem como pequeno-burgueses pró-ocidentais ou forças islâmicas, têm sido capazes de ganhar uma posição de liderança entre as forças populares sírias anti-Assad.

De fato, a Revolução Síria - e a Revolução árabe em geral - assim como a luta contra a agressão por parte das Grandes Potências no Norte de África e no Médio Oriente, e a luta contra a militarização e o racismo na Europa estão intimamente ligadas. Elas são um teste decisivo para todos os revolucionários e uma linha divisória entre o marxismo autêntico e o revisionismo. Os revolucionários só podem ter uma abordagem correta ao combinar essas lutas com base no programa da revolução permanente, o internacionalismo proletário, e o anti-imperialismo marxista.

Como revolucionários marxistas defendemos a defesa incondicional da revolução síria contra a ditadura de Assad, bem como contra a agressão brutal das grandes potências e dos vários países estrangeiros regionais. Combinamos esta posição com a perspectiva revolucionária e socialista de uma Síria Livre e Vermelha. Nós apoiamos incondicionalmente a luta do povo sírio sem dar apoio político às suas lideranças pequeno-burguesas seculares (não religiosas) e islâmicas. Da mesma forma, apoiamos a

luta do povo curdo para pela autodeterminação nacional, sem dar apoio político às lideranças do PKK/YPG pró-imperialistas. Nós apoiamos a resistência do povo sírio contra a agressão das grandes potências a fim de expulsá-los da região e convidamos todos os trabalhadores internacionais e movimentos populares a apoiar esta luta. Defendemos os imigrantes, especialmente os imigrantes muçulmanos, contra a crescente onda de racismo. Fazemos um apelo pela criação de um movimento de solidariedade internacional, a organizações de juventude e dos trabalhadores imigrantes para lutar pelo "Open Borders" (Abertura de Fronteiras) e plena igualdade de imigrantes e refugiados. Tal movimento também deve lutar contra a militarização e contra o regime de "Estado de Emergência" na Europa. Nós empreendemos esta luta como parte de nossos esforços para unir todas as forças revolucionárias autênticas e construir um partido revolucionário mundial.

O RCIT e o ALS conclamam todos os trabalhadores e as organizações populares e de imigrantes a unir forças em uma campanha internacional de solidariedade com a Revolução Síria. Tal campanha deverá basear-se nos três seguintes pilares.

** Defender a revolução síria! Derrotar o regime de Assad! Não ao Daesh/Estado Islâmico!*

** Expulsar os russos, a OTAN e todos os outros agressores estrangeiros para fora da Síria! Não às "negociações" impostas pelas Grandes Potências destinadas à liquidação da Revolução Síria!*

** Abrir as fronteiras da Europa para todos os refugiados sírios! Colocar fim à reação racista e à Islamofobia na Europa!*

Chamamos a todos os que apoiam essas bandeiras a nos contatar e juntar-se nesta campanha de solidariedade internacional.

Agrupación de Lucha Socialista (México): www.agrupaciondeluchasocialista.wordpress.com, luchasocialistas@gmail.com

Revolutionary Communist International Tendency (Pakistan, Sri Lanka, Brazil, Israel/Occupied Palestine, Yemen, Tunisia, USA, Germany, Britain and Austria): www.thecommunists.net, rcit@thecommunists.net



Ativistas do ALS no comício em solidariedade com a Revolução Síria em 15/03 2016 na Cidade do México

Terror em Bruxelas: A Guerra Chegou em Casa

**O terror do Estado Islâmico-Daesh é o resultado do terror imperialista!
Somos contra qualquer Estado de Emergência
e repressão contra os povos muçulmanos na Europa!**

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em inglês-RCIT), 23/03/2016

1. Em 22 de março, membros do Daesh (O denominado Estado Islâmico) cometeu um ataque terrorista no aeroporto Zaventem, em Bruxelas assim como numa estação do metrô. Assassinararam 34 pessoas e feriram 198. O caso aconteceu três dias após as autoridades comemorarem a prisão de Salah Abdeslam, suspeito de ser o mentor dos ataques em Paris em novembro de 2015.

2. A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI* claramente condena estes ataques como completamente reacionário. Assim como os ataques em Paris, estes ataques não foram direcionados contra alvos militares, mas diretamente contra pessoas comuns. Eles servirão às classes dominantes das potências imperialistas para justificar e intensificar sua ofensiva contra o povo oprimido do Oriente Médio, assim como para aumentar a ofensiva em geral contra a classe trabalhadora das próprias Grandes Potências, em especial os imigrantes muçulmanos.

3. Estes ataques demonstram mais uma vez o caráter reacionário do Daesh/EI. Eles fazem guerra principalmente contra o povo oprimido e não contra o imperialismo ou contra os regimes reacionários. O CCRI reafirma que a necessidade de lutar contra o Daesh de forma organizada em milícias populares é a tarefa dos trabalhadores e camponeses. Os trabalhadores e oprimidos devem se opor a quaisquer ações das Grandes Potências e de seus aliados

assassinos açougueiros como Assad, partindo do ponto de vista que eles são os terroristas maiores e usam a luta contra o "terrorismo" somente como pretexto para avançar seus interesses imperialistas. Nós afirmamos: Lutar contra o Daesh e ao mesmo tempo lutar contra as causas de sua existência- A exploração das Grandes Potências e as guerras do Oriente Médio.

4. O primeiro ministro da França Manuel Valls, um socialdemocrata de direita, anunciou logo após os ataques em Bruxelas: *"Estamos em Guerra. Estamos sujeitos nos últimos meses na Europa a atos de guerra."* É verdade que as classes dominantes da Europa- Assim como das outras grandes potências-estão em Guerra. Elas estão em guerra contra os povos oprimidos do Oriente Médio desde há muito tempo com o objetivo de explorar a abundância de recursos naturais da região. É por isso que os EUA, França e Grã-Bretanha bombardeiam o povo na Síria, Iraque e Líbia dia-a-dia. É por isso que eles dão apoio e cooperam estreitamente com ditadores no Egito, Síria, Irã, Arábia Saudita, e outras monarquias do Golfo. Além disso, temos o contínuo terror e limpeza étnica do estado de Apartheid de Israel contra o povo Palestino. Como resultado centenas de milhares de pessoas morreram nos últimos anos e milhões se tornaram refugiados. A grande maioria das pessoas vive em completa miséria. São as brutais agressões das Grandes Potências e de seus aliados



O contingente da secção austríaca do CCRI na manifestação a favor dos refugiados em 19/03/2016 em Viena

ditadores que levam cada vez mais pessoas ao desespero e as leva a dar apoio a grupos reacionários do tipo Daesh/EI.

5. Dessa forma os ataques em Bruxelas não são nenhuma surpresa. De fato, o CCRI antecipou meses atrás a possibilidade de repetição de ataques como aqueles em Paris. No nosso documento *Perspectivas Mundiais* nós escrevemos: *As potências imperialistas vão acelerar suas intervenções militares nos países semicoloniais- primeiro e principalmente no Norte de África e Oriente Médio - e vão colaborar mais estreitamente com as ditaduras reacionárias no sentido de "pacificar" os levantamentos revolucionários populares. Como resultado, os ataques terroristas provavelmente também se intensificarão.*

6. O CCRI enfatiza a necessidade dos trabalhadores, imigrantes e jovens na Europa em se unir na luta contra o racismo, contra a opressão estatal, e contra os ataques nos direitos democráticos e sociais. Além disso, é urgente mobilizar no sentido de colocar para fora do Oriente Médio as Grandes Potências. Da mesma forma nós chamamos os trabalhadores e oprimidos a dar apoio à Revolução Árabe contra as ditaduras, assim como dar apoio aos refugiados que desejem ir à Europa.

* Não ao Daesh/EI e seus ataques terroristas!

* Contra qualquer "Estado de Emergência" e contra qualquer mobilização do exército na Bélgica, França ou outro país da Europa!

* Lutar contra o racismo e contra a repressão aos muçulmanos na Europa!

* Colocar as Grandes Potências para fora do Oriente Médio! Dar apoio à resistência contra os agressores imperialistas!

* Dar apoio à Revolução Árabe contra os ditadores!

* Abrir as fronteiras! Abaixo o Muro de Ferro da União Europeia contra os refugiados!

* Seguir em frente na construção de um Partido Mundial revolucionário.

Sobre nossa posição sobre os recentes ataques terroristas na Europa consultar:

Em Português: O Ataque Terrorista em Paris é o resultado do terror imperialista no Oriente Médio! Parar o belicismo da França e das outras Potências Imperialistas! Não à Mobilização do Exército dentro da França! Defender os povos muçulmanos contra os ódios Chauvinistas e contra a Repressão Estatal! <http://www.thecommunists.net/home/português/terror-em-paris/>

Em inglês: RCIT: World Perspectives 2016: *Avanço da Contrarrevolução e Aceleração das Contradições de Classe e as tarefas dos revolucionários*) 23 January 2016, <http://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2016/>

Em Inglês: RCIT: A Crescente instabilidade e militarização da União Europeia. Sobre as tarefas dos Revolucionários na nova fase política aberta na Europa após os ataques em Paris.08.12.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/militarism-in-eu/>

Em Português: RCIT: França Após os ataques em Paris: Defender o Povo Muçulmano Contra as Guerras Imperialistas, o ódio chauvinista e a repressão Estatal. 9.1.2015, <http://www.thecommunists.net/home/português/paris-attacks/>

Em inglês: Michael Pröbsting: França: O "Partido Comunista Falha no Voto Parlamentar contra a Guerra Imperialista No Iraque.15.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/french-pcf-iraq-war/>

Em Inglês: Michael Pröbsting: Após os Ataques em Paris: Socialistas devem dar as mãos com o povo muçulmano Contra o Imperialismo e contra o Racismo! As Forças Centristas Tentam Impedir o Movimento dos Trabalhadores ao Falhar em se Colocar Em Solidariedade com Os Muçulmanos e Contra a Guerra Imperialista! 17.1.2015, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/france-defend-muslims/>

Em Português: RCIT: O caráter racista do Charlie Hebdo e da campanha pró-imperialista "Je Suis Charlie", <http://www.thecommunists.net/home/português/racist-charlie-hebdo/>

Secretariado Internacional do CCRI

Building the Revolutionary Party in Theory and Practice

*Looking Back and Ahead after
25 Years of organized Struggle for Bolshevism*



By Michael Pröbsting

Published by the Revolutionary Communist International Tendency

Nova publicação de RCIT:

Construindo o Partido Revolucionário na Teoria e prática

**Analisando o passado e o Futuro
após 25 anos de Luta Organizada
pelo Bolchevismo**

Portugal: Por uma Ofensiva dos Trabalhadores contra a Austeridade!

Por Johannes Wiener, Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em inglês-RCIT), 17/12/2015

As eleições realizadas recentemente em Portugal marcam uma clara mudança para a esquerda na balança de forças de classe. O Partido Social democrata-PSD e o Partido Popular-CDS burgueses perderam cerca de 12% em comparação com as eleições anteriores. Por outro lado, o esquerdista Bloco de Esquerda (BE) (uma coalizão de forças da direita centrista) dobrou sua força eleitoral para mais de 10% dos votos expressos e é agora o terceiro maior partido no Parlamento. A Frente Coligação eleitoral Democrática Unitária (CDU) - uma coligação do stalinista, reformista de esquerda Partido Comunista Português (PCP) e do Partido Verde (Partido Ecologista "Os Verdes", PEV) - também aumentou ligeiramente seus votos, ganhando 8,25% dos votos. O partido de tendência socialdemocrata, Partido Socialista-PS, que verbalmente concorreu com uma plataforma de anti-austeridade, também aumentou sua força e ganhou 32% do voto parlamentar.

Isto significa que, juntos, os partidos burgueses e os partidos operários pequeno-burgueses constituem agora uma maioria no Parlamento de Portugal. A razão para isso é muito simples: as massas populares se opõem às políticas de austeridade dos partidos burgueses neoliberais.

As tentativas Reacionárias de instalar um governo Burguês de Direita

O bloco dos dois partidos abertamente neoliberais burgueses tinha aritmeticamente uma força parlamentar relativamente forte. Isto os levou a uma tentativa descarada de continuar o governo de austeridade odiados de Passos Coelho (ex-Primeiro Ministro), apesar de a maioria da população ter votado contra isso. Um papel particularmente reacionário também foi feito pelo presidente de Portugal, Aníbal Cavaco Silva, que convidou Coelho a formar um governo, declarando como "*um ataque à democracia*" a ousadia do eleitorado em se opor à política de austeridade ditada por Bruxelas, bem como opor-se à vontade de a aliança imperialista terrorista conhecida como OTAN- Organização do Tratado do Atlântico Norte. Silva disse: "*Em 40 anos de democracia, nunca os governos de Portugal dependeram do apoio de forças políticas antieuropeístas (...) (que) defendessem a dissolução da OTAN*".

A criação do governo de "esquerda"

Pressionados por de baixo, ou seja, pelos trabalhadores e pelas massas populares, assim como pela provocativa política pró-austeridade dos partidos burgueses reacionários levou a maioria dos membros do Parlamento (pertencente ao PS, BE e CDU) a votar contra o programa de governo de Coelho, impedindo-o de tomar o poder.

Em vez disso, o social democrata PS formou um governo que prometeu se opor aos ataques de austeridade e defender os ganhos sociais das massas portuguesas. Este

governo de Antônio Costa tem o apoio parlamentar do Bloco de Esquerda e da Coligação Democrática Unitária, que não se juntou coalizão do governo.

Um governo operário burguês

A Corrente Comunista Revolucionária Internacional (RCIT) mantém a opinião que a queda do governo burguês de direita reflete a crescente radicalização dos trabalhadores e da juventude no sul da Europa. Essa radicalização é a base para a classe trabalhadora europeia "encontrar um caminho para sair da austeridade e do pesadelo nacionalista, do crescente militarismo e da erosão dos direitos democráticos.

Naturalmente, o novo governo de Antônio Costa não é nem um governo socialista ou autenticamente esquerda. É um governo capitalista, embora se sustente sobre partidos burgueses e pequeno-burgueses dos trabalhadores, que foi eleito como resultado do enorme sentimento popular contra a política de austeridade. Este governo é o que a Internacional Comunista (antes de se degenerar sob o domínio da burocracia stalinista) chamaram um "governo operário burguês".

Qual o Caminho a Seguir?

Os Revolucionários em Portugal devem defender este governo contra qualquer ataque instigado pelos partidos reacionários-burgueses, pela burocracia em Bruxelas, pelo Presidente, ou pelo aparato do Estado.

No entanto, o objetivo estratégico dos revolucionários deve ser ajudar os trabalhadores e os pobres a superar suas ilusões nesses partidos reformistas de esquerda e fazê-los romper com essas lideranças. Esta é a única maneira de lutar por um verdadeiro governo proletário baseado em conselhos de trabalhadores e conselhos milícias populares.

Na situação atual, é fundamental que os revolucionários organizem as massas de com um projeto independente das reformistas ou dos dirigentes reformistas de esquerda e coloquem pressão sobre o governo por meio de mobilizações de trabalhadores independentes e populares. É claramente óbvio que as massas dos trabalhadores e pobres ainda nutrem ilusões a respeito das direções socialdemocratas e reformistas de esquerda do *Bloco de Esquerda* e do PCP.

Por um lado, os revolucionários devem instrutivamente explicar aos trabalhadores mais avançados que eles cedo ou tarde serão traídos pelos burocratas reformistas que prometeram acabar com a austeridade, para não dizer nada sobre a construção de uma sociedade socialista. Por outro lado, temos de colocar exigências às direções dos partidos reformistas, a fim de colocá-los à prova, aos olhos da classe operária e para ajudar estes trabalhadores a superar suas ilusões, por meio de sua própria experiência prática. Se o governo tentar capitular para a UE e a sua política de

austeridade, os revolucionários devem mobilizar-se para detê-los chamando para greves militantes, levando até a uma greve geral. Outra tarefa muito importante é lutar pela igualdade plena dos imigrantes e se opor a todas as formas de racismo e discriminação contra eles! Isto é particularmente importante para Portugal que durante séculos brutalmente explorou e subjugou suas colônias.

O RCIT sugere que os revolucionários em Portugal exijam do governo de “esquerda” a realizar o seguinte:

* *Anular todas as medidas de austeridade do governo anterior!*

* *Criar imediatamente um programa de obras públicas, sob o controle dos sindicatos, para gerar empregos para os desempregados. Tal ação deve ser integralmente financiada pela tributação sobre os super-ricos!*

* *Nacionalizar os portos e as grandes indústrias sob controle dos trabalhadores!*

* *Nacionalizar todos os bancos e uni-los em um único banco central sob controle dos trabalhadores!*

* *Retirar-se imediatamente da OTAN! Nenhum povo deve ser culpado ao ser obrigado de participar nesta brutal organização terrorista!*

Além disso, nós mantemos que Portugal, como um país semicolonial, deve deixar a UE. No entanto, essa tática deve ser combinada com a luta por um real governo dos

trabalhadores. Esse governo não iria flertar com a UE e com a OTAN, mas sim deveria declarar a guerra de classes contra eles! Um autêntico governo operário iria basear-se em conselhos populares e de trabalhadores (soviets), como aqueles rudimentarmente estabelecido em 1974/75, assim como as milícias de nossa classe. Um verdadeiro governo operário imediatamente tentaria internacionalizar a luta para outros países europeus e norte-Africanos.

Não há solução contra a austeridade a não ser a luta por uma revolução europeia contra a UE e para a criação de governos operários revolucionários através da revolução socialista. Para lutar por governos operários revolucionários na Europa e em todo o mundo precisamos de novos partidos operários revolucionários! O RCIT está dedicado à construção de tais partidos como parte da futura Quinta Internacional e para colaborar com os revolucionários em Portugal pela construção de tal partido operário revolucionário, tanto lá como e em todos os outros países ao redor do mundo.

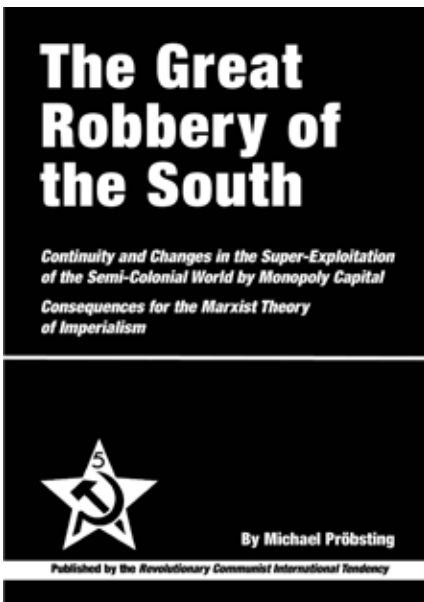
* *Por um governo operário revolucionário!*

* *Abaixo a UE imperialista! Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!*

* *Por um Partido revolucionário de Trabalhadores em Portugal como parte de uma nova Internacional de trabalhadores!*

Novas publicações do CCRI / RCIT

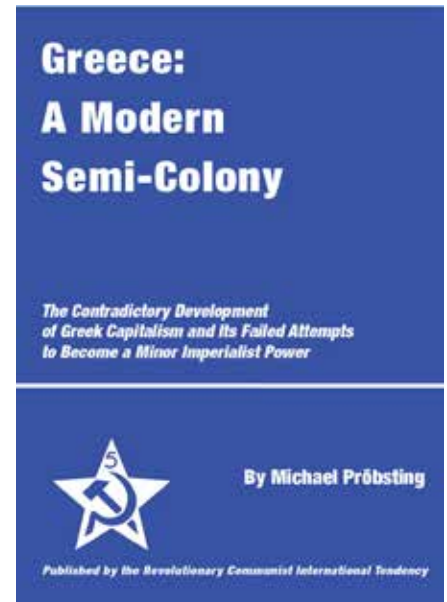
O Grande Roubo do Sul



A Revolução Cubana Vendida?



Grécia - A semi-colónia moderna



Ultra-esquerdismo e a destruição do Estado de Israel - uma resposta à Corrente Operária Revolucionária de Argentina

Por Michael Pröbsting, *Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI)*, 27.07.2014

O grupo argentino Corrente Operária Revolucionária (COR) publicou recentemente uma declaração sobre a guerra de Gaza em Espanhol e Inglês. (1) o texto contém uma declaração geral que expressa a posição anti-sionista desta organização, o seu apoio com a resistência palestina contra Israel e o esboço de uma perspectiva socialista. Infelizmente os autores misturaram esta abordagem geralmente correta com bobagens ultra-esquerda. Eles atacam a nossa tendência internacional por uma suposta suavidade na luta contra o Estado sionista. Tal como eles escreveram: “... O RCIT que tem uma seção no que eles chamam de” Israel / Palestina Ocupada ‘, recusam-se a avançar pela destruição do Estado de Israel. Em vez disso, eles apresentam a fantasia de ‘abaixo as guerras assassinas de Israel’, e é claro, eles admitem ao povo palestino o direito de auto-defesa.”

Ou os dirigentes da COR não leram os documentos CCRI/RCIT sobre a Palestina ou deliberadamente distorcem a nossa posição. Ambas as possibilidades falam contra eles. Não há praticamente uma única instrução ou artigo do RCIT ou sua seção em Israel / Palestina Ocupada em que não indicam a natureza intrinsecamente reacionária do Estado de Israel como um Estado judeu, e nosso objetivo de aboli-lo e substituí-lo com uma simples república de trabalhadores e camponeses em toda a Palestina histórica (resumido em nosso slogan de agitação “Por uma Palestina livre e vermelha!”).

Em nossa declaração no início da atual guerra de Gaza a RCIT e sua seção em Israel/Palestina Ocupada declarou: Um estado judeu na Palestina só consegue sobreviver, enquanto a expulsão dos palestinos continuar a existir. A “solução de dois Estados” seria negar aos palestinos o direito de retorno. Da mesma forma, um Estado palestino na Cisjordânia e em Gaza seria reduzida a um bantustão, uma colônia de-facto dependente de Israel muito mais rico e mais poderoso. Nós, portanto, rejeitamos a chamada “solução de dois Estados”, que é promovido pela liderança do Fatah e por também inúmeras forças socialdemocratas e centristas stalinistas, tanto em Israel, bem como em todo o mundo. Em vez disso, lutamos por um único estado em toda a Palestina em que os palestinos naturalmente constituiriam a maioria. Assim, o Estado de Israel deve ser destruído e ser substituído por uma sociedade democrática, palestina, multinacional e socialistas de Trabalhadores e República Fallahin desde o rio até o mar. Por uma Palestina livre e Vermelha!(2)

Em outra declaração, publicada no início da última guerra de Gaza, em novembro de 2012, escrevemos: “O Estado de Israel deve ser destruído e será substituído por uma república secular dos trabalhadores árabes e judeus em toda a Palestina. Em tal estado, os palestinos e os judeus, que aceitem a eliminação dos privilégios do estado de apartheid de Israel, podem viver juntos de forma igual e de forma pacífica. Combinamos essa perspectiva com a luta por uma federação socialista do povo do Oriente Médio.”(3)

E no nosso Manifesto Comunista Revolucionário – O programa do RCIT - escrevemos: “Portanto, a opressão nacional só pode ser superado quando os refugiados palestinos tiverem o direito pleno de retorno, obter a sua terra de volta ou receber uma compensação adequada e se o Estado de Israel for destruído.” (4)

No apêndice deste artigo daremos mais alguns exemplos. (5) Por isso, é óbvio que os líderes da COR esperam que os leitores de sua declaração não estejam cientes das posições reais do RCIT e sua seção em Israel/Palestina ocupada.

Por trás dessa distorção absurda da nossa posição não existe apenas em relação aos líderes do CR o desejo desacreditar o RCIT. Isso também reflete o seu infantil “anti-sionismo”. Isto torna-se evidente a partir de sua objeção, quando falamos de “Israel/Palestina ocupada.” Provavelmente é porque COR caracteriza Israel como uma “entidade (porque não é baseada em classes nacionais, nós não o consideramos propriamente um Estado)”. Infelizmente, os líderes do CR não conseguem explicar isso, vamos colocar diplomaticamente, sua original idéia. Se o Estado de Israel não se baseia em classes nacionais, sobre o que mais se baseia? A COR nega a existência de uma burguesia israelense, ou mesmo uma classe do capital monopolista como temos demonstrado em um estudo recente? Por exemplo, há uma série de empresas multinacionais israelenses. De acordo com a Forbes Global 2000 – dentre um ranking das maiores empresas mais poderosas do mundo - 10 empresas multinacionais de Israel são listadas. Isto é semelhante ao de outros países imperialistas menores que têm uma história muito mais longa de desenvolvimento imperialista como a Áustria ou a Bélgica (cada uma com 11 empresas) e da Finlândia (12). (7) De onde é que os capitalistas israelenses derivam seus lucros, se não, explorando os trabalhadores judeus, bem como a classe trabalhadora migrante árabe e em Israel (além de seus extra-lucros em operações estrangeiras) ?! Os líderes do CR querem negar a existência de uma classe trabalhadora israelense-judaica (que, claro, é muito privilegiada, em relação aos palestinos e os trabalhadores migrantes, e contém maior proporção de uma aristocracia operária) ?! Desnecessário será dizer que também há uma classe média israelense-judaica. Então, quais as classes nacional que não existem em Israel de acordo com os líderes da COR?

Além disso, deve ser desnecessário acrescentar que Israel não é apenas um estado, mas também um muito poderoso, Estado militarizado. É a oitavo maior potência nuclear do mundo, e ocupa a décima posição entre os exportadores de armas do mundo. (8)

Os líderes do COR poderia argumentar e, objeção que Israel está baseada no apoio das potências imperialistas. Não há dúvida de que Israel recebe uma quantidade importante de ajuda financeira e militar, como nós - e muitos outros que apoiam a luta pela libertação da

Palestina – temos apontado muitas vezes. Mas essa ajuda imperialista não nega o fato básico de que a produção de mais-valia ocorre em Israel, baseada na exploração da classe trabalhadora. Também não nega o fato de que a burguesia israelense tem seus próprios interesses imperialistas, ou que não é simplesmente subordinada ao imperialismo norte-americano. Israel sempre foi um estado colonial que, com o tempo, tornou-se um poderoso, pequeno estado imperialista. Ele continua a existir como um estado colonizador colonialista, já que toda a sua existência baseia-se no roubo de terras e na expulsão do povo palestino nativo, um processo que está sendo continuado pelas atividades dos colonos em constante expansão na Cisjordânia.

Pequenas crianças esperam negar as realidades feias, fechando os olhos. Os líderes do COR esperam a negar a existência real do poderoso estado de Israel, alegando que ele não existe. Marxistas e adultos em geral deve saber que tais métodos de negação são bastante inúteis na busca de orientação correta na política e na vida em geral.

Notas de rodapé:

(1) Corriente Obrera Revolucionaria: *“Derrotemos la ofensiva sionista! Destrucción del Estado de Israel!”* respectively *“Let’s defeat the Zionist offensive! Destruction of the State of Israel!”* 9.7.2014, <http://www.cor-digital.org/>

(2) RCIT and ISL: Palestine: Forward to the Third Intifada! 7.7.2014, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/victory-to-palestinian-uprising/>

(3) RCIT: New Wave of Israeli terror against Gaza: Support the Palestinian Resistance! Defeat the Zionist killing machine! 15.11.2012, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/defend-gaza/>

(4) RCIT: The Revolutionary Communist Manifesto, 2012, p. 49, <http://www.thecommunists.net/rcit-manifesto/support-the-national-liberation-struggles/>

(5) See e.g.: *“Peace will only be built in the region when all injustice is overthrown. In Palestine, that means the end of the state of Israel, which can only rule by apartheid discrimination and ethnic cleansing against Palestinians inside its borders and permanent war with the Palestinians and their allies beyond. It means the full right of return of all the Palestinian refugees to one democratic state, from the river to the sea. Because such a democratic state would be dedicated to overcoming the national oppression of the Palestinian people, we believe its national character would naturally be determined by the Palestinian masses, who would be its overwhelming majority. Israel’s Jews should have full civil rights as a minority in such a state and thus be able to live free of any form of religious or racial persecution. But Zionists must be denied any right to keep stolen land or property or continue their apartheid rule.”* (ISL: The Zionist State Tries to Break Gaza Again – and Fails Again, November 2012, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/isl-statement-on-gaza-war/>)

“We in the Internationalist Socialist League, Arabs and Jews, fight for such a working class leadership. We offer against the Zionist nightmare of an apartheid state from the river to the sea a revolutionary perspective of a democratic Palestinian state from the river to the sea, that in its class contents will be a multi-national workers state supported by the Fallahin from the river to the sea.” (ISL: The Nakba Day 2013, 5.4.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/nakba-day-2013/>)

[east/nakba-day-2013/](http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/nakba-day-2013/))

“The slogan of a single ‘Democratic State in the whole of Palestine’ is a historic and progressive one. It expresses the desire of the Palestinians and all progressive Jews to smash the Zionist state and to replace it with a single state. In this state all privileges for the Israeli Jewish oppressor nation – which they automatically have in the present Apartheid State – will be abolished. All Palestinian refugees will have the right to return and will – given the fact that they form a 2:1 majority and that it is their historic homeland – shape the character of the future state.” (Michael Pröbsting: On some Questions of the Zionist Oppression and the Permanent Revolution in Palestine, May 2013, <http://www.thecommunists.net/theory/permanent-revolution-in-palestine/>)

“We stand for the victory of the Palestinian resistance and the destruction of the imperialist apartheid state of Israel.” (<http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/rally-for-palestine-9-7-2014/>, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/rally-for-palestine-13-7-2014/>, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/demo-for-palestine-20-7-2014/>)

“The RCIT calls for the destruction of the Israeli Apartheid state.” (<http://www.thecommunists.net/publications/editorial-revcom-7/>)

(6) We have reported about the threats against comrade Johannes Wiener here: RKOB: Austria: Pro-Israeli War-Mongers try to throw 20-year old Palestine Solidarity Activist into Prison. RKOB spokesperson Johannes Wiener is accused of „sedition” because of a Pro-Palestine speech during the Gaza War, 13.12.2012, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/no-to-criminalization-of-rcit-activist/>; RKOB: Victory! The Charge against RKOB Spokesperson and Palestine Solidarity Activist Johannes Wiener has been dropped! Austria: Israelite Cultus Community suffers defeat in its attack on Free Speech and Palestine Solidarity, 10.1.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/solidarity-with-wiener-won/>. For the international solidarity campaign including the COR’s message of solidarity see: Statements in Solidarity with RCIT Activist Johannes Wiener, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/solidarity-with-johannes-wiener/>

(7) The World’s Biggest Companies, The Forbes Magazine, 18.4.2012, <http://www.forbes.com/global2000/>; We also refer readers to our study by Michael Pröbsting: On some Questions of the Zionist Oppression and the Permanent Revolution in Palestine. Thoughts on some exceptionalities of the Israeli state, the national oppression of the Palestinian people and its consequences for the program of the Bolshevik-Communists in Palestine, May 2013, <http://www.thecommunists.net/theory/permanent-revolution-in-palestine/>

(8) Stockholm International Peace Research Institute: Armaments, Disarmament and International Security, 2012, Summary, pp. 13-14

Resumo – Cuba Vendida?

Por Michael Pröbsting, *Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI)*, Agosto de 2013

O seguinte é a tradução do resumo do livro de Michael Pröbsting *“Revolução de Cuba Vendida? O caminho da revolução para a restauração do capitalismo”* Foi publicado pela *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (em inglês-RCIT), em agosto de 2013.

Neste resumo, queremos apresentar uma série de teses dos principais elementos de análise da RCIT sobre a Revolução Cubana, sua expropriação política pela burocracia castrista-stalinista e a contra-revolução capitalista nos últimos anos.

1. A Revolução Cubana em 1959-1961 foi um evento importante no século 20. Não foi simplesmente um golpe praticado por um pequeno grupo de guerrilheiros armados. Realizou-se no contexto de enormes lutas de operários e camponeses que envolveu centenas de milhares e milhões desses setores. Uma vez que nenhum partido operário revolucionário existia, a revolução foi liderada pelo movimento guerrilheiro pequeno-burguês castrista M-26-7 que defendia um programa de reforma burguesa, mas não defendia nenhuma revolução socialista. Nem a liderança do PSP stalinista buscava tal revolução.

2. A Revolução Cubana logo conheceu a hostilidade e a subversão por parte do imperialismo norte-americano. A pressão da contra-revolução, por um lado, e da luta doméstica, por outro lado pressionou a burocracia castrista. Sua única possibilidade i) para manter o poder e privilégios, ii) para acomodar a pressão das massas, mas ao mesmo tempo controlá-las e iii) para suportar as agressões do imperialismo norte-americano, era transformar Cuba burocraticamente em um Estado operário degenerado e fazer do país um aliado próximo da burocracia stalinista da URSS. Daí a burocracia castrista foi forçada a expropriar a burguesia externa e internamente, para oprimir a atividade da classe trabalhadora independente e aliar-se com a União Soviética em 1960/61. Neste processo, o castrista M-26-7, bem como a direção stalinista do PSP decidiram unir forças e formar o PCC (em que a liderança Castrista teve o domínio).

3. Cuba, portanto, nunca foi um “país socialista”. Enquanto permaneceu inicialmente um país capitalista após a derrubada de Batista (embora com uma classe trabalhadora altamente mobilizada e uma burguesia débil), tornou-se um Estado operário degenerado, quando o governo castrista foi transformado em um governo anti-capitalista burocrático e tomou medidas decisivas para nacionalizar e planejar a economia, enquanto politicamente expropriava a classe trabalhadora no verão de 1960.

4. Apesar de sua degeneração burocrática, a Revolução Cubana forneceu às massas trabalhadoras uma série de conquistas sociais concretas: os salários subiram, os camponeses tiveram acesso à terra, um sistema de saúde altamente desenvolvido excepcional foi criado regionalmente, bem como benefícios sociais, uma baixa idade para a aposentadoria, um de alto nível regional de participação das mulheres no processo de trabalho, o direito ao aborto, etc.

5. No entanto, devido à falha no avanço da revo-

lução para o continente latino-americano e a dominação burocrática interna, as massas cubanas tornaram-se cada vez mais passivas e cínicas em relação ao regime. O regime também não conseguiu construir uma indústria diversificada, de modo que a economia manteve-se dependente da produção e de exportação de açúcar.

6. Nós trotskistas lutamos por um programa de revolução política, enquanto Cuba permaneceu um Estado operário degenerado (de 1960 até 2010/11). Chamamos pela defesa do sistema de planejamento e das relações de propriedade proletárias contra qualquer passo para a restauração capitalista. Ao mesmo tempo, chamamos para a abolição dos privilégios da burocracia, bem como o controle sobre a economia e a sociedade. Tal programa também incluiu o chamado para trabalhar a independência de classe (direito dos trabalhadores à greve, comitês de ação nos locais de trabalho, sindicato independente, o direito à formação de partidos, etc.). Uma revolução política bem-sucedida exige a formação de conselhos de ação (soviets) e milícias populares armadas para organizar uma insurreição armada, a fim de destruir o aparelho de Estado stalinista-aburguesado e substituí-lo com um saudável estado de, ou seja, uma ditadura do proletariado, tal como existia na jovem União Soviética nos tempos de Lênin e Trotsky. Tal estado operário revolucionário teria se esforçado para internacionalizar a revolução na América Latina e em todo o mundo. Tal perspectiva, porém, não se concretizou devido à ausência de um partido operário revolucionário uma Internacional operária revolucionária.

7. A economia cubana altamente burocratizada e dependente entrou numa crise profunda, com o colapso da URSS em 1989-91. Desde então, o regime castrista tem cada vez mais - embora com ziguezagues - se voltados para as reformas pró-mercado. O modelo stalinista cubano estava em um beco-sem-saída.

8. O modelo de restauração capitalista bem-sucedida e uma economia em crescimento na China, sem perda de poder da burocracia stalinista convenceu a liderança castrista que havia uma saída para eles. Por isso, ela virou-se decisivamente para a restauração do capitalismo. Isto por sua vez, foi expresso pelo anúncio de uma série de medidas pró-capitalistas drásticas no outono de 2010 e na primavera de 2011 (em torno do VI Congresso do PCC). O Castrismo havia retornado às suas raízes burguesas.

9. Demissões em massa nas empresas estatais e a introdução da lei do valor: Em 2011 e 2012, entre 360.000 e 500.000 trabalhadores foram demitidos das empresas estatais. O governo Castro deseja a demissão de um milhão de trabalhadores em 2016 - um quinto do total da força de trabalho do país!

10. Enorme impulso de um setor capitalista privado e a promoção da formação de uma classe capitalista nacional de proprietários privados: o setor capitalista privado já cresceu maciçamente. O governo anunciou a redução da participação do Estado no PIB de originalmente 95% para cerca de 40% até 2017.

11. Corte dos benefícios sociais, a fim de criar um

exército industrial de reserva de mão de obra e, portanto, uma classe trabalhadora melhor explorável: O regime de Castro terminou a prática de pagar 60% do salário dos trabalhadores demitidos de seus empregos. Além disso, aumentou a idade de aposentadoria em cinco anos para ambos os sexos, elevando-o para 60 anos para mulheres e 65 para os homens. Além disso, o número de produtos vendidos a preços subsidiados foi reduzido, ou os montantes disponibilizados substancialmente reduzidos.

12. A abertura da economia para o capital imperialista e, em especial, para os monopólios da China: O Investimento Direto Estrangeiro aumentou substancialmente nos últimos anos até US \$ 3,5 bilhões. A maior parte deste investimento está concentrada em alguns grandes projetos como a exploração de petróleo. Cuba está cada vez mais dependente da China, que é um importante parceiro comercial, investidor estrangeiro e credor. Outro elemento-chave da transformação de Cuba em uma semi-colônia do imperialismo chinês é a criação do primeiro Plano Quinquenal para a cooperação sino-cubana em junho de 2011.

13. Manter o regime autoritário do PCC stalinista: O Partido Comunista está determinado a manter a ditadura como o modelo chinês tem feito. Parte desse esforço de transformação do Estado-capitalista do país é a política do passado recente do regime de colocar os setores-chave da economia, sob o comando da burocracia do exército. De acordo com uma estimativa, os militares controlam cerca de 60% da economia, através da gestão de centenas de empresas em setores-chave da economia.

14. A transformação de Cuba de um estado operário degenerado em uma semi-colônia capitalista alterou as tarefas para a classe trabalhadora. Já não se trata mais de

organizar uma revolução política, mas uma revolução social, a fim de derrubar o regime castrista e estabelecer um autêntico governo operário e camponês.

15. Um programa deste tipo para a revolução social começa a partir da defesa das conquistas sociais existentes da Revolução e da oposição contra as medidas brutais de restauração capitalista: isto inclui a resistência contra as demissões em massa, contra a privatização de empresas estatais e cortes sociais, a defesa dos direitos das mulheres como o aborto, bem como a luta pelos direitos democráticos (direito de greve, da criação de sindicatos independentes, formação de novos partidos, etc.).

16. Outro aspecto importante do programa revolucionário é a luta para defender Cuba contra a agressão permanente do imperialismo norte-americano, bem como contra a subordinação de Cuba ao imperialismo chinês.

17. O programa para a revolução social deve chamar para a construção de conselhos de operários, camponeses pobres e de soldados e milícias armadas. Eles devem lutar por uma insurreição armada contra o regime castrista-capitalista e para o estabelecimento de um governo dos trabalhadores e dos camponeses pobres com base em tais conselhos e das milícias. O Estado operário cubano vitorioso iria se esforçar para internacionalizar a revolução na América Latina e além.

18. O sucesso da revolução socialista exige a rápida formação de um partido revolucionário, como parte da Quinta Internacional dos Trabalhadores. A Corrente Comunista Revolucionária Internacional (RCIT) fará o seu melhor para apoiar a formação de um núcleo revolucionário em Cuba.

Comunismo Revolucionario

Novo Jornal em Espanhol da CCRI

Preço: \$ 3,5 (mais taxas de envio)

Pedir o panfleto através de nosso endereços de contato email: rcit@thecommunists.net

Rússia e China – Grandes Potências Imperialistas

Um resumo da análise da Corrente Comunista Revolucionária Internacional

Por Michael Probsting, 28 de Março de 2014

Introdução

O mundo tem sofrido grandes mudanças desde o início do novo período histórico que começou com a Grande Recessão de 2008. Entre os acontecimentos mais importantes a força crescente da Rússia como potência imperialista e o surgimento da China como uma nova potência imperialista. O contexto do declínio criado pela crise no capitalismo levou a uma escalada significativa na rivalidade entre as potências imperialistas – sendo o mais proeminente entre os EUA, a EU (União europeia) e o Japão, de um lado e da Rússia e China, por outro. Exemplos da agudização da rivalidade inter-imperialista são a guerra entre a Rússia e a Geórgia com apoio dos EUA em 2008; crescentes tensões China e Japão em torno das ilhas Diaoyu / Senkaku no Mar da China Oriental; o desentendimento russo-americano sobre a guerra civil na Síria; e, mais recentemente, o conflito internacional relacionado com a crise na Ucrânia. (1)

A fim de compreender a dinâmica política global deste novo período histórico e para construir as táticas corretas para a luta de classes, cabe aos marxistas para elaborar uma análise científica do caráter de classe de todas as grandes potências envolvidas. Enquanto há décadas marxistas aceitam como verdade inquestionável que os EUA, a União Europeia-UE e o Japão são estados imperialistas, os marxistas ainda febrilmente debatem o caráter de classe da Rússia e da China. Muitos dos participantes neste debate, ou tem uma compreensão superficial, impressionista, do imperialismo russo ou eles totalmente se recusam a aceitar o caráter imperialista dessas duas potências. Obviamente, além de sua importância teórica, esta questão também tem consequências práticas enormes para o desenvolvimento de um programa revolucionário. Embora, obviamente, cada conflito precisa ser estudado concretamente, para os marxistas, na tradição de Lenin e Trotsky um princípio amplamente aceito é adotar uma posição de derrotismo revolucionário em todos os conflitos entre as potências imperialistas. Ao mesmo tempo, este princípio se refere sempre o apoiar um país semicolonial que esteja lutando contra o imperialismo.

O RCIT tem elaborado extensos estudos do caráter de classe de Rússia e China. (2) A fim de tornar a nossa análise mais acessível para os marxistas em geral, neste documento nós fornecemos um resumo de nossa análise do imperialismo russo e chinês. Esta análise está dividida em três seções: a primeira apresenta a nossa definição geral de um Estado imperialista; a segunda apresenta um panorama econômico e político da China; e o terceiro faz o mesmo para a Rússia.

I. Qual o Critério para definir um Estado Imperialista?

Antes de apresentar uma visão concreta das características da Rússia como um Estado imperialista, devemos começar por esclarecer a nossa definição de um Estado imperialista. Nosso entendimento metodológico do imperialismo é baseado na teoria de Lênin, que se tornou a base para o marxismo revolucionário do início do século 20. (3) Lenin descreveu a característica essencial do imperialismo como a formação de monopólios que dominam a economia. Relacionado a isso, destacou a fusão do capital bancário e industrial em capital financeiro, o aumento da exportação de capital juntamente com a exportação de commodities, e a luta por esferas de influência, especificamente colônias. Como Lenin escreveu em *O Imperialismo e a divisão do Socialismo* - seu ensaio teórico mais abrangente sobre o imperialismo:

“Nós temos que começar com uma tão precisa e completa definição quanto possível do que entendemos por imperialismo. Imperialismo é um estágio específico do capitalismo. Esta etapa é tripla: o imperialismo é capitalismo monopólico; parasitário ou capitalismo em putrefação; é o capitalismo moribundo. A substituição da livre competição pelo monopólio é um atributo econômico fundamental, é a essência do imperialismo. O monopólio se manifesta em cinco principais formas: (1) Cartéis, sindicatos ou trustes – a concentração de produção alcança um grau que dá origem à estas associações monopolísticas de capitalistas; (2) A posição monopolista dos grandes bancos – três, quatro ou cinco gigantes no sistema bancário manipulam toda a vida econômica da América, França e Alemanha; (3) Captura de fontes de matérias-primas pelos trustes e a oligarquia financeira (capital financeiro é capital industrial monopolizado amalgamado com capital bancário); (4) A partilha (econômica) do mundo por cartéis internacionais já começou. Há mais de uma centena de cartéis internacionais que comandam o mercado mundial em sua totalidade e o divide “amigavelmente” entre eles – até que a guerra o repartilhe. A exportação de capital, uma forma distinta de exportação de mercadorias sob o capitalismo não-monopólico, é um fenômeno altamente característico e está claramente ligado com a repartição político-territorial e econômica do mundo; (5) A partilha territorial do mundo (em colônias) foi completada.” (4)

A característica de uma potência imperialista tem que ser vista na totalidade de sua posição econômica, política e militar na hierarquia global de estados. Assim, um determinado estado deve ser visto não só como uma unidade separada, mas em primeiro lugar na sua relação com outros estados e nações. Igualmente, as classes sociais podem apenas ser entendidas em relação às outras. Um estado imperialista geralmente entra em um relacionamento com outros estados e nações que ele oprime, de uma forma ou de outra, e super-explora - ou seja, se apropria de uma parte do valor capitalista produzido. Novamente, isto tem que ser visto em sua totalidade, ou seja, se um estado

ganha alguns lucros do investimento estrangeiro, mas tem que pagar muito mais (o serviço da dívida, repatriação de lucros, etc) para os investimentos estrangeiros de outros países, esse estado normalmente não pode ser considerado como imperialista.

Finalmente, queremos salientar a necessidade de se considerar a totalidade da posição econômica, política e militar de um estado na hierarquia global de estados. Assim, podemos considerar um determinado estado como imperialista ainda é economicamente mais fraca, mas ainda possui uma posição política e militar relativamente forte (como a Rússia antes de 1917 e, novamente, no início de 2000). Uma posição política e militar tão forte pode ser usado para oprimir outros países e nações, e de se apropriar de valor capitalista deles.

Visualizar um estado no contexto da ordem imperialista mundial também é importante porque os estados imperialistas particularmente menores (como a Austrália, Bélgica, Suíça, Holanda, Áustria, nos países escandinavos, etc) não são, obviamente, iguais aos das grandes potências, mas sim estão subordinados a eles. Sozinhos, eles não poderiam desempenhar um papel imperialista. No entanto, apesar de serem desiguais para as grandes potências - a propósito, mesmo entre as grandes potências entre si é constante a rivalidade e sem paridade - esses estados imperialistas menores não são super-explorados pelas grandes potências. Como resultado, enquanto não há transferência significativa de valor a partindo desses estados imperialistas menores para as grandes potências, há uma transferência significativa de valor a partir das semi-colônias para esses estados imperialistas menores. Eles garantem esta posição privilegiada, inserindo alianças econômicas, políticas e militares com as grandes potências como a UE, OCDE, FMI, Banco Mundial, a OMC, a OTAN, e várias "parcerias".

Em suma, nós definimos um estado imperialista da seguinte forma: *Um estado imperialista é um estado capitalista cujos monopólios e aparelho de Estado tem uma posição na ordem mundial, onde em primeiro lugar, dominar outros estados e nações. Como resultado, eles ganham lucros-extras e outras vantagens econômicas, políticas e / ou militares de tal relação*

baseada na super-exploração e opressão.

Achamos que tal definição de um Estado imperialista está de acordo com a breve definição que Lenine deu em um de seus escritos sobre o imperialismo, em 1916: "... grandes potências imperialistas (ou seja, os poderes que oprimem um número inteiro de nações e os enredam na dependência sobre o capital financeiro, etc) ..." (5)

Imperialismo e Super-Exploração

Um importante - ainda que não somente este - aspecto do imperialismo é a super-exploração sistemática e maciça do mundo colonial e semi-colonial pelos monopólios imperialistas e estados. Em nosso livro, O Grande Roubo do Sul, elaboramos basicamente quatro formas diferentes de super-exploração pelo qual o capital monopolista obtém lucros extras de países coloniais e semi-coloniais:

- i) a exportação de capital como investimento produtivo
- ii) a exportação de capital como capital-dinheiro (empréstimos, reservas cambiais, a especulação, etc)
- iii) a transferência de valor via intercâmbio desigual
- iv) a transferência de valor via imigração

A mais-valia é a parte do valor de troca capitalista, que é apropriada pelos capitalistas (para reinvesti-la ou consumi-la), em vez de pagar por eles como despesas variáveis ou constantes de capital (salários, máquinas, matérias-primas, etc.) Ao exportar o capital e investir em fábricas nos países semi-coloniais, os monopólios pode extrair extra lucros em um ou ambos os dois meios: (1) Através do emprego da força de trabalho mais barata dos países semi-coloniais, a empresa imperialista reduz os seus custos, mas ainda vende as mercadorias produzidas ao preço médio de mercado no país ou países metropolitanos, aumentando suas margens de lucro em casa. (2) Além disso, o monopólio imperialista pode vender os mesmos produtos que ela produz nos países semi-coloniais, mas a um preço abaixo do preço médio de mercado lá, assim vencendo a competição de produção local, que também resulta em aumento dos lucros. A maior parte desses fins lucrativos extras também são repatriados pelos monopólios imperialistas dos semi-colônias para o seu país natal.

Endereço de internet onde você pode acessar nossos jornais antigos: <http://www.thecommunists.net/publications>



Marx observou como o comércio exterior serve como um importante meio pelo qual os capitalistas contrariam a tendência da taxa de lucro a cair. A base desse mecanismo, um aspecto da lei capitalista do valor, é que, dado o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas nos países (semi-)coloniais, o capital investido tem uma composição orgânica mais elevada, ou seja, a parcela do trabalho humano - as despesas de capital variável - é mais alta em relação à de capital constante. Como consequência se produzem relativamente maior quantidade de mais-valia, e portanto, uma maior taxa média de lucros. No entanto, quando se trocam os produtos dos países mais desenvolvidos (imperialistas) com as matérias primas dos países (semicoloniais) de menor desenvolvimento no mercado mundial da lei de menor valor permite que o capital imperialista obtenha benefícios extras com um intercâmbio desigual. Seus produtos mais baratos (devido à maior produtividade das economias desenvolvidas) fora da concorrência dos produtos mais caros dos países semicoloniais, e obrigam a este último a vender sus próprios produtos por valor abaixo de seu valor real (em função da mão de obra invertida)), etc. Portanto, o capital mais forte (imperialista) pode vender suas mercadorias acima dos seus custos de produção e continuar sendo mais barato no mercado mundial dos produtos básicos do capital (semicolonial) menos competitivos. Este último se vê obrigado a vender seus produtos por valor abaixo de seu custo de produção e, frequentemente, mais caro no mercado mundial comparado com seus rivais imperialistas. Como resultado disso, o capital mais forte (imperialista) se apropria com êxito de uma parte da mais-valia que se cria pelo capital mais fraco(semicolonial). Isto significa que o intercâmbio desigual constitui uma base importante para uma massiva transferência de valor capitalista de menor desenvolvimento aos países desenvolvido capitalista que têm mais desenvolvimento.

Os monopólios podem apropriar-se de um benefício adicional através da exportação de capital como capital-dinheiro (empréstimo, reservas de divisas, especulação, etc).

Por fim, o capital monopolista extrai lucros excedentes, não só através da exploração dos países semi-coloniais, mas também através da exploração de imigrantes desses países e nacionalidades oprimidas. O capital imperialista possui benefícios, pagando os imigrantes abaixo do valor de sua força de trabalho de várias maneiras:

i) Os capitalistas frequentemente podem explorar os imigrantes com custos zero ou com somente custos limitados para sua educação, já que os imigrantes normalmente são educados no seu país de origem.

ii) O capitalista muitas vezes não tem que pagar aposentadoria ou mesmo quando paga é com redução de custos de pensões e de segurança social dos migrantes, já que eles têm acesso limitado aos serviços sociais, e quando eles não podem mais trabalhar devido à idade, muitas vezes voltar ao seu país de origem.

iii) Os capitalistas geralmente pode pagar aos migrantes um salário que é substancialmente menor do que os salários pagos aos trabalhadores nativos do país em que o trabalho é realizado. Para isso utilizam várias formas de opressão nacional (menos direitos ou nenhum direito para os trabalhadores que não são cidadãos do país imperialista, discriminação contra a língua nativa de imigrantes e diversas formas de discriminação social, etc.) Estas for-

mas de opressão aplicam-se não só contra imigrantes de primeira geração, mas também contra seus filhos e netos.

Por estas razões, o RCIT define os migrantes, em grande maioria, como *“uma camada de trabalhadores oprimidos em nível nacional e super-explorados.”*

II. China como uma grande potência Imperialista emergente

China tornou-se uma nova potência imperialista no final da década de 2000. As principais razões para o sucesso do desenvolvimento para uma potência imperialista na China foram:

i) A continuidade de uma burocracia estalinista forte e centralizada que pôde suprimir a classe operária e assegurar a super-exploração.

ii) A derrota histórica da classe operária na China em 1989, quando a burocracia esmaga sangrentamente a insurreição das massas na Praça Tiananmen e em todo o país.

iii) A diminuição do imperialismo estadunidense, que abriu o espaço para novas potências.

Esta persistência de uma burocracia stalinista forte e centralizado e a derrota histórica da classe operária na China, em 1989, permitiu que a nova classe dominante capitalista a submeter a maioria crescente do proletariado à super-exploração. Com base nisso, os capitalistas - tanto chineses como estrangeiros - podiam extrair um valor enorme de superávit para a acumulação de capital. Nesta base, a China tornou-se uma grande potência econômica. Isso se reflete em uma série de dados.

Em termos de produção total medida pela proporção do PIB (PIB) a China cresceu muito nas últimas duas décadas. Enquanto, em 1991, a China produziu 4,1% da produção mundial, este número subiu para 14,3% em 2011, que a torna a segunda maior economia do mundo. Simultaneamente, a participação dos EUA diminuiu de 24,1% para 19,1% em julho de 2011. (6)

Na indústria manufatureira - o principal sector de produção de valor capitalista - A China tornou-se a maior economia do mundo. Em 2011 um quinto da produção mundial veio da China (19,8%), enquanto 19,4% foram provenientes da economia dos EUA. (7) Paralelo a isso, tornou-se o maior exportador do mundo.

A força econômica da China se reflete também no seu baixo nível de endividamento no mercado financeiro mundial. Sua reserva de dívida externa em percentagem do rendimento nacional bruto foi de apenas 9,3% e do serviço da dívida para as exportações é de 2,5%. (8)

Os monopólios da China

Os Monopólios da China desempenham um papel importante atualmente. Na lista da Forbes Global 2000 - uma lista das empresas mais poderosas, as empresas possuem ações nas bolsas no mundo - China já classifica como o terceiro maior país. 121 empresas nesta lista são da China, somente os EUA com (524 empresas) e Japão com (258 empresas) possuem mais empresas. Estes 121 monopólios chineses têm um benefício adicional de 168 bilhões de dólares (que é de 7% dos lucros totais dos maiores monopólios em 2000). (9)

Nas empresas da Fortune Global 500 - outra lista das

maiores empresas do mundo utilizam critérios diferentes - podemos ver a mesma dinâmica do lugar enorme e crescente da China entre os super-monopólios do mundo. Aqui a China já ultrapassou o Japão como o segundo maior do país. 73 dessas corporações são chinesas, 132 vêm dos EUA, 68 do Japão, e 32 da França e da Alemanha. (Ver Tabela 1).

Os líderes chineses criaram uma classe capitalista. De acordo com o World Wealth Report 2012 (relatório Mundial da Riqueza) publicado pela Capgemini e RBC Wealth Management, a China tem o quarto maior número de super-ricos, apenas atrás dos EUA, Japão, Alemanha, mas à frente da Grã-Bretanha, França e Canadá (11). Outra lista de super-ricos - que Mede o número de chamados "ultra indivíduos com elevado património" define activos líquidos superiores 50 milhões de dólares americanos - A China ocupa (atrás dos EUA) em segundo lugar. (12)

Hoje, a participação majoritária na produção da China é produzida pelo setor privado. Isso se reflete nos seguintes números: De acordo com o Banco Mundial e o Centro de Investigação de Desenvolvimento da China do Conselho de Estado os setores não-estatais contribuíram com cerca de 70% do PIB do país e do emprego. A participação do setor público no total das empresas industriais (com vendas anuais superiores a 5 milhões de RMB) foi reduzida de 39,2% em 1998 para 4,5% em 2010. Em relação ao mesmo período, a proporção de empresas estatais em ativos industriais totais diminuiu de 68,8% para 42,4%, enquanto a sua quota de emprego (estatais) caiu de 60,5% para 19,4%. (13) Ao mesmo tempo, o sector capitalista de estado continua a ter um papel central na economia da China.

Super-exploração da classe operária

O regime capitalista da China conseguiu introduzir a lei do valor e transformar os trabalhadores em trabalhadores assalariados. O passo decisivo na implementação do baixo valor em empresas estatais da China foi uma onda brutal de demissões. Segundo dados oficiais, apresentados Diário do Povo do Partido Comunista da China, fala de pouco mais de 26 milhões de trabalhadores demitidos entre 1998 e 2002 (14). Se você olhar para o longo prazo, há estimativas que a classe capitalista chinesa demitiu entre 1993 e 2006 cerca de 60 milhões de funcionários de em-

presas estatais. (15)

Esta onda de demissões foi parte da plena implementação da lei capitalista do valor na economia do estado da China. Em 2005, foi reestruturada e privatizada mais de 85% das pequenas e médias empresas de propriedade estatal, segundo o relatório da empresa de investigação chinesa Dongtao. (16)

Outro instrumento importante foi a utilização do antigo sistema de registro de residência que foi estabelecido pela burocracia stalinista em 1958 De acordo com este sistema (chamado hukou na China) "Os Moradores não foram autorizados a trabalhar ou viver fora dos limites administrativos de seu registro de residência sem a aprovação das autoridades. Uma vez que eles deixarem seu local de matrícula também deixam para trás todos os seus direitos e benefícios. Para efeitos de fiscalização, todos, incluindo os residentes temporários em trânsito, foram obrigados a se registrar com a polícia em seu local de residência ou de estadia. Na década de 1970, o sistema tornou-se mais rígida e o camponês poderia ser preso simplesmente por entrar cidades." (17)

Dada a pobreza rural e as oportunidades de emprego nas cidades, milhões e milhões de cidadãos rurais, em sua maioria jovens e camponeses se mudaram para as cidades em busca de emprego. Estes camponeses jovens ou idosos camponeses que se mudaram para as cidades são chamados de migrantes na China. Eles são transferidos para áreas em que muitas vezes vivem ilegalmente e sem nenhum direito ou reivindicação à segurança social. Então, esses antigos camponeses se mudam para as cidades onde eles são ilegais e muitas vezes - por causa do sistema hukou - não têm acesso à habitação, emprego, educação, serviços médicos e segurança social. O Capitalista do país mantém os trabalhadores imigrantes numa situação de trabalho de tal forma, que apenas lhes permitem manter condições mínimas para serem capazes no máximo em trabalhar na produção. As condições de vida são muito precárias, a maioria dos quais vivem em habitações de má qualidade, barracas, debaixo de pontes e túneis, ou mesmo nos portamalas dos carros. (18)

Esses imigrantes prontamente se converteram em uma importante força impulsora para o processo de super-exploração capitalista. O número de trabalhadores migrantes na China aumentou de cerca de 30 milhões (1989) para 62 milhões (1993), 131,8 milhões (2006) e até o final

Tabela 1 Onde se encontram os maiores monopólios globais? Lista dos 10 países das companhias Global 500 (10)

Rank	País	Quantidade de companhias
1	Estados Unidos	132
2	China	73
3	Japão	68
4	França	32
4	Alemanha	32
6	Reino Unido	26
7	Suíça	15
8	Korea do Sul	13
9	Holanda	12
10	Canadá	11

de 2010, o número cresceu para cerca de 242 milhões. Na capital, Pequim, cerca de 40% da população total são trabalhadores migrantes, enquanto em Shenzhen quase 12 milhões dos 14 milhões de habitantes são migrantes. Esses trabalhadores migrantes são muitas vezes empurrados a, empregos de baixos salários –de trabalhos forçados. De acordo com o *China Labour Bulletin*, is migrantes constituem 58% de todos os trabalhadores da indústria e 52% no setor de serviços. (19)

É natural, que a classe trabalhadora chinesa está tentando lutar por seus direitos, não obstante o regime draconiano de ditadura stalinista capitalista. Os avanços nos últimos anos estão indicando a crescente militância de massa. Os protestos populares chamados “incidentes de massa” aumentaram, de acordo com estatísticas oficiais da Academia de Ciências Sociais da China, foram de 60.000 (em 2006) para mais de 80.000 (ano 2007). Esta publicação foi interrompida - obviamente a burocracia temeu que estes números podiam ter um efeito mais estimulante. No entanto, há estimativas que em 2009 já 90 mil “incidentes de massa” foram realizados e o sociólogo chinês Sun Liping estima que o número de 2010 foi de 180 mil eventos. (20)

Exportação de capital da China

China aumentou consideravelmente a sua exportação de capital. Isso se reflete no nível de investimento produtivo e o nível de capital-dinheiro (obrigações, empréstimos, etc). Como resultado de seu imenso processo rápido de acumulação de capital, o imperialismo chinês também acumulou enormes volumes de capital em dinheiro. Isto se expressou em um extraordinário crescimento rápido de suas reservas cambiais. Essas reservas explodiram de \$ 165 bilhões 2000 para \$ 3,305 bilhões em de março de 2012. (21) Estas reservas de divisas da China são iguais ao total combinado dos próximos seis maiores detentores de reservas internacionais!

A China também está ativa em empréstimos bilaterais. De acordo com o “Financial Times”, os bancos chineses

tornaram-se um importante financiador nos últimos anos. Ele já está emprestando mais dinheiro para os chamados países em desenvolvimento que o Banco Mundial.

No entanto, o capital da China não é apenas ativo no mercado internacional para empréstimos e títulos, mas também como um investidor estrangeiro no setor industrial e de matérias-primas. Desde que a China emergiu recentemente como uma potência imperialista ela continua fraca no mercado mundial do que as potências imperialistas que dominaram por mais de um século. Na Tabela 2 se comparam os fluxos de saída IED (Investimento Estrangeiro Direto) anuais para uma série de países imperialistas nos últimos cinco anos. Pode-se ver que o imperialismo chinês superou rivais no investimento estrangeiro direto, como Canadá e Itália, e já atingiu o nível de países como a Alemanha.

Por quais regiões e países a China está a investir no exterior? De acordo com as últimas estimativas publicadas pela Fundação Heritage, podemos ver que desde 2005 capitalistas chineses investiram quantias significativas de capital em todas as regiões. Os países mais importantes para investimentos na China são (estimados em bilhões de dólares americanos): Austrália (45,3), EUA (42), Brasil (25,7), Indonésia (23,3), Nigéria (18,8), Canadá e Irã (17,2 cada) e Cazaquistão (12,3). Há também investimentos significativos de US \$ 5 bilhões na Grécia e Na Venezuela de US \$ 8,9 bilhões. (Dados 2005-2010). (23)

Embora a China ainda esteja substancialmente atrás das velhas potências imperialistas em acumulados de investimento direto no estrangeiro, o seu papel nos países semi-coloniais está a aumentar rapidamente cada vez mais. Em 2010, a China se tornou o terceiro maior investidor na América Latina, depois dos Estados Unidos e da Holanda. (24) Também a China é o maior parceiro comercial de África, e compra mais de um terço do seu petróleo do continente. (25)

Tabela 2 Fluxos de IED de países selecionados, 2006-2011 (em bilhões de dólares americanos) (22)

País	FDI inward stock					FDI outward stock				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
Mundo	1.975	1.790	1.197	1.309	1.524	2.198	1.969	1.175	1.451	1.694
França	96	64	24	30	40	164	155	107	76	90
Germany	80	8	24	46	40	170	72	75	109	54
Bretanha	196	91	71	50	53	272	161	44	39	107
Italia	43	-10	20	9	29	96	67	21	32	47
Canada	114	57	21	23	40	57	79	41	38	49
USA	215	306	143	197	226	393	308	266	304	396
Japao	22	24	11	-1	-1	73	128	74	56	114
China	83	108	95	114	123	22	52	56	68	65
Hong Kong	54	59	52	71	83	61	50	63	95	81

Tradução para a tabela: Inward= entrada; Outward= saída

China como potência militar

A China é uma potência em ascensão, não só economicamente, mas também politicamente e militarmente. Entre 2002 e 2011, a China aumentou seus gastos militares em 170%. De acordo com o Instituto Internacional de Estocolmo para Pesquisa sobre a Paz (SIPRI) a China agora tem o segundo maior orçamento militar do mundo 'perdendo apenas para os EUA. (ver Tabela 3)

Adicione a isso que a China é a quinta maior potência nuclear, depois dos Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha e França. (27) A China modernizou seu poder militar rapidamente na última década e tem recursos para guerras ofensivas militares graves. Recentemente demonstrou sua capacidade de abater satélites. A China também é o lar de grandes fabricantes de armas. Em sua lista, SIPRI (Instituto da Suécia) coloca os monopólios armas da China em seu conjunto como o quinto maior competidor no mercado mundial de armas.

Táticas revolucionárias nos conflitos com a China

Não se deve haver ilusões sobre a solução pacífica da rivalidade imperialista interna das grandes potências. Uma guerra imperialista entre as grandes potências (Estados Unidos e / ou Japão) e China está se tornando cada vez mais quase inevitável na próxima década. Ambas as potências têm controle sobre a Ásia Oriental, que é central para o mundo da produção de valor capitalista e do comércio. Por esta razão, é inevitável que as potências imperialistas tentam influenciar e explorar os conflitos e guerras (por exemplo, os conflitos no Sul da China (ou do Leste), Síria Irã, Líbia).

A *CCRI-Corrente Comunista Revolucionária Internacional* considera os EUA, assim como a China potências imperialistas. Em um conflito militar entre os dois (ou entre o Japão e a China), nós, os bolcheviques comunistas recusamo-nos a tomar partido por uma das duas potências imperialistas rivais. Seria uma guerra das respectivas classes dominantes para aumentar a sua hegemonia e a super-exploração dos países semi-coloniais. A tática correta em um conflito deste tipo é o derrotismo revolucionário em que os trabalhadores de ambos os campos devem levantar o slogan "*O principal inimigo está em casa*" e se esforçar para transformar a guerra imperialista em guerra civil contra a sua própria classe dominante.

Em um conflito entre uma potência imperialista e um país

semi-colonial no Mar do Sul da China (ou Leste), o marxista tem que analisar cada guerra em especial. Eles têm que descobrir se a unidade imperialista de dominar (semi-) colonial nação é o aspecto dominante na guerra, ou se a luta pela defesa nacional está subordinada à guerra de poder por uma potência imperialista. Isto determina se os bolcheviques comunistas tomarão uma posição derrotista revolucionária ou uma posição defensivista revolucionária em termos de luta da nação(semi) colonial.

III. Rússia: Seu capital monopolista e seu estatus como uma grande potência imperialista

A economia da Rússia é dominada por um pequeno grupo de monopólios, de propriedade dos super-ricos, os chamados "oligarcas", que têm uma relação estreita com o aparelho de Estado capitalista. Na verdade, os monopólios russos dominam o mercado nacional, ainda mais do que os seus homólogos de outros Estados imperialistas. De acordo com um estudo recente da OCDE, pequenas e médias empresas na Rússia representam apenas cerca de um quinto do vínculo de empregos e uma parte ainda menor da produção, ao passo que na maioria das economias da OCDE ambas as figuras estão acima da metade. (28)

Provavelmente o mais importante monopólio russo é a Gazprom, a maior empresa de gás do mundo, controlando mais de 93% da produção de gás natural da Rússia e um quarto das reservas de gás conhecidas no mundo. (29) Outro monopólio importante é o Sberbank, que é o terceiro maior banco da Europa em valor de mercado. Estas duas empresas, Sberbank e Gazprom, representam mais de metade do volume de negócios do mercado de ações russo. (30) Outras grandes empresas são Rosneft e Lukoil, ambas empresas de petróleo; Transneft, uma empresa gasoduto; Sukhoi, uma fabricante de aeronaves; Unified Energy Systems, um gigante de energia elétrica; e Aeroflot (empresa aérea).

Esses monopólios russos estão fortemente vinculados ao aparato do Estado imperialista. O setor estatal capitalista desempenha um papel decisivo entre muitos monopólios russos. Por exemplo, o Estado manteve as ações em ouro em 181 empresas. (31) empresas apoiadas pelo Estado representam 62% do mercado russo. (32)

O setor estatal capitalista controla 36% da indústria de petróleo da Rússia e 79% de seu setor de gás. (33) De acordo com a revista alemã Der Spiegel, o Estado russo controla

Tabela 3 Os dez maiores gastadores militares, ano 2011 (em bilhões de dólares) (26)

1	USA	711
2	China	143
3	Rússia	71.9
4	Reino Unido	62.7
5	França	62.5
6	Japão	59.3
7	Índia	48.9
8	Arábia Saudita	48.5
9	Alemanha	46.7
10	Brasil	35.4

mais de 50% dos bancos do país e 73% do setor de transporte. Da mesma forma, o controle governamental do setor de petróleo passou de 10% no início da era de Putin em 1999 para 45% em 2013. (34)

A ascensão da Rússia como uma potência econômica

Segundo o Banco Mundial, a Rússia está prestes a ultrapassar a Alemanha como a quinta maior economia do mundo em termos de paridade de poder aquisitivo de 2012. (35) Calcula o PIB da Rússia em \$ 3,4 bilhões dólares. O Fundo Monetário Internacional relaciona a Rússia como a oitava maior economia do mundo, com um PIB de US \$ 2 trilhões. Em qualquer caso, a Rússia tornou-se uma grande potência econômica. Sua classe dominante passou com sucesso o colapso da década de 1990. A Rússia não é dominada pelos demais países imperialistas, ao contrário domina e explora outros países e povos.

O sucesso da resistência da Rússia a ser tomada por potências imperialistas estrangeiras tem a ver com a história da restauração capitalista no país. Segundo uma estimativa, em 1998, *“Apenas 3% da s ex-propriedades do Estado haviam sido vendidos para compradores estrangeiros na Rússia, em comparação com 48% na Hungria e 15% na República Checa. Além disso, a venda de privatização de grupos estrangeiros se tem acelerado depois de 1998, mantendo-se praticamente inexistente na Federação Russa.”* (36)

A ascensão da Rússia como potência econômica também se reflete no seu nível de endividamento relativamente baixo. Desde a ascensão de Putin ao poder, o estoque da dívida externa da Rússia - em porcentagem do rendimento nacional bruto - caiu de 57,9% (2000) para 31,1% (2011). (37) Igualmente, as dívidas do governo russo caíram drasticamente de 99% do PIB em dezembro de 1999 para 8,4% do PIB em 2012. (38)

Ao mesmo tempo, as reservas da Rússia aumentaram maciçamente para cerca de 500 bilhões de dólares (equivalente a cerca de 25% do PIB da Rússia).

A ascensão da Rússia como uma potência econômica também se reflete na mudança na proporção de suas reservas e de sua dívida externa. Enquanto a proporção de reservas a dívida externa da Rússia situou-se com uma porcentagem de 16,6% em 2000, em 2011 chegou a 83,6%.

O Capital de exportação dos monopólios russos

Desde 2000, a Rússia tem sido capaz de aumentar substancialmente o seu investimento estrangeiro para o exterior. Parte de IED (Investimento Estrangeiro Direto) na Rússia

aumentou de 1% em 2000 para 1,5% em 2005 e chegou a 4% em 2011. Por exemplo, em 2010 as empresas russas investiram US 9 bilhões para fusões e aquisições transfronteiriças, em comparação com US \$ 6 bilhões em 2005. (39)

Para ONDE capitalistas russos investem no exterior? Se eliminarmos o investimento estrangeiro falso, ou seja, todos os países que servem à Rússia como centros off-shore, vemos que os monopólios russos exportaram cerca de 38,1% para os países da Europa Ocidental na União Europeia. Os EUA e Suíça também foram importantes destinos. No entanto, os russos também investiram cerca de 25,5% do seu capital nos antigos países da União Soviética e da Europa Oriental. Um adicional de 4,1% do IED foi para outros antigos estados stalinistas, como a Sérvia, Montenegro e Vietnã. Se somarmos a outras semicolônias como Turquia e Irlanda, vemos que os monopólios russos investiram cerca de 36% do seu investimento direto estrangeiro nos países semicoloniais.

As trinta maiores empresas multinacionais da Rússia estão entre as 500 maiores empresas da Europa. (41)

O poder relativo da Rússia é ainda maior no nível político. A Rússia tem um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e é / era um Estado membro do G8. Rússia mostrou seu papel hegemônico durante a guerra na Geórgia, em 2008, quando anexou a Ossétia do Sul e a Abkházia, contra a vontade das potências imperialistas ocidentais que apoiaram o regime de Saakashvili na Geórgia. Da mesma forma, a Rússia é a principal força por trás do regime de Assad na Síria. No outono de 2013, o regime de Putin foi capaz de forçar o governo Obama a retirar seus planos militares e de concordar com uma nova rodada de negociações em Genebra. Na primavera de 2014, a Rússia está demonstrando mais uma vez o seu papel como uma grande potência no contexto da crise na Ucrânia e na Rússia está enfrentando a UE e os EUA pela influência na Ucrânia. Estes são exemplos práticos que servem para enfatizar a medida em que a Rússia é uma grande potência para desafiar a influência das potências imperialistas ocidentais de alto nível.

Estatus da Rússia como grande potência na esfera política anda de mãos dadas com o seu status como uma grande potência militar. Como anteriormente demonstrado na Tabela 3, a Rússia tem hoje o terceiro maior dos maiores „orçamento militares do mundo. Além disso, a Rússia é a segunda maior potência nuclear do mundo, depois dos EUA. (42) E seus monopólios armas também são as segundas maiores concorrentes no mercado de armamento em nível mundial.

Tabela 4 Saídas diretas de investimentos Exteriores de diversos países, 2007-2012 (em milhões de dólares de EUA) (40)

País	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Rússia	45.916	55.594	43.665	52.523	67.283	51.058
China	22.469	52.150	56.530	68.811	65.117	84.220
Alemanha	170.617	72.758	75.391	109.321	54.368	66.926
Japão	73.548	128.019	74.699	56.263	114.353	122.551
Italia	96.231	67.000	21.275	32.655	47.210	30.397

Outra manifestação do status da Rússia como grande potência é o número de bases militares que tem no exterior. A Rússia tem bases militares em oito países da CEI (Comunidade de Estados Independentes). Além disso, a Rússia também tem uma base naval em Tartus (Síria).

Colônias internas da Rússia

Lenin mostrou como grandes potências imperialistas também se esforçam para explorar outros países e para subjugar-los à sua esfera de influência. Rússia oprime e explora outras nações, tanto dentro como fora do seu estado. Quase um quinto da população da Rússia, 19,1%, pertencem a minorias étnicas e nacionais. As mais importantes são os tártaros (3,9%), ucranianos (1,2%), Bashkirs (1,1%), Chuvashes (1,1%), chechenos (1%), os armênios (0,9%) e de outros povos, menores. Ao todo, existem mais de 185 grupos étnicos que vivem na Rússia.

Como os seguintes números mostram, uma parte substancial de matérias-primas da Rússia - dos quais o petróleo e o gás são os mais proeminentes, mas não são de forma os únicos - estão localizados em regiões com uma proporção significativa de minorias nacionais (ver figuras 1, 2 e 3).

Há extrema desigualdade entre as diferentes regiões da Rússia. Este é um legado do império czarista, que nunca foi realmente superado pela URSS estalinista. Por exemplo, o rendimento médio mensal em Moscou é cerca de seis vezes maior do que em Kalmúquia (Federação Russa). A pobreza é particularmente difundida em regiões de populações de minorias nacionais de um determinado tamanho. A pobreza relativa varia entre 40% em Amur Oblast e na República da Buryatia e 30%, em Moscou. A pobreza absoluta é de 36% em Buryatia e 21% em Lipetsk. Samara e Tatarstan mostram padrões muito semelhantes, com taxas de pobreza relativa de 37% e 35%, respectivamente, e os índices de pobreza absoluta de 28% e 25%. (46)

União Eurásia de Putin: Uma tentativa imperialista de submeter a Ásia Central e as semicolônias do Leste Europeu

Desde a década de 1990, classe dominante da Rússia tem realizado uma série de iniciativas, tudo com o objetivo de criar uma esfera política e econômica de influência sob a liderança da Rússia. Pouco depois de chegar ao poder, Putin criou a Comunidade Econômica da Eurásia, em ou-

tubro de 2000. Por vários anos, o regime de Putin tomou medidas sérias para impulsar um bloco econômico e político mais estreito sob a hegemonia russa. A chamada união aduaneira já estabelecida no ano de 2007, e seus membros atuais Belarus, Cazaquistão e Rússia. Uma série de estados semicoloniais estão pensando em entrar para a União Aduaneira tais como: Armênia, Georgia, Kirguistão, Gagauzia (república separatista da Moldávia) e Tajiquistão. (47)

Sob o governo de Yanukovich, o governo ucraniano também expressou interesse em juntar-se, mas o golpe de Maidan e a tomada do controle das forças de direita pró-União Europeia torna essa hipótese improvável no curto prazo. Além disso, a Crimeia se separou da Ucrânia e juntou-se à Rússia. Dada a atual crise política no país, o futuro da parte oriental da Ucrânia é incerto. Por fim, o governo do Vietnã também manifestou interesse em aderir à União Aduaneira.

Na Ucrânia, a UE e a Rússia são grandes potências concorrentes por participação de mercado e influência. Antes do início da Grande Recessão, em 2008, os monopólios da UE foram capazes de aumentar continuamente sua participação no comércio. No entanto, desde que a recessão da situação foi revertida. Entre 2000 e 2010 as exportações ucranianas para a UE caiu para 25,4% e a participação de importações da UE para 31,4%. Ao mesmo tempo, a União Aduaneira (Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão) foi capaz de aumentar seu comércio com a Ucrânia: Exportações e importações destes países aumentaram para 32,3% e 42%, respectivamente. (49)

Quando examinamos as semicolônias da Ásia Central, vemos uma posição ainda mais dominante do imperialismo russo. A Ásia Central é altamente dependente das importações da Rússia (principalmente produtos energéticos e produtos manufaturados). Embora a UE apresentasse como a segunda maior fonte de importações, a participação da China aumentou dramaticamente na última década, e agora é a terceira maior fonte de importações.

Migração e super-exploração

A Rússia como uma potência imperialista também se beneficia de imigração. Os imigrantes constituem uma minoria significativa da classe operária na Rússia. Como trabalhadores de fora da Rússia, ambos são oprimidos tanto a nível nacional e são oprimidos e super-explorados pelos

Tabela 5: Estrutura do comércio nos países da Europa Oriental, 2010 (em percentagem) (48)

<i>País</i>	<i>EU 27 Parte do comércio</i>	<i>Rússia Parte do comércio</i>	<i>Turquia Parte do comércio</i>
Armênia	32.1 (1st place)	20.8 (2nd)	4.4 (6th)
Azerbaijão	46.9 (1st)	7.4 (3rd)	8.2 (2nd)
Belarus	25.1 (2nd)	48.2 (1st)	0.6 (10th)
Georgia	31.7 (1st)	4.4 (7th)	15.6 (2nd)
Moldávia	52.3 (1st)	12.3 (3rd)	4.8 (4th)

Figura 1: Etnias Russas e Minorias Nacionais (43)



Figura 2: Áreas Autônomas na Rússia com Minorias Étnicas e Nacionais (44)



capitalistas russos. Os salários baixos são uma fonte importante para os ganhos de capital monopolista extras da Rússia.

Em sua grande maioria, os capitalistas russos têm lucros à custa dos imigrantes originários de duas fontes diferentes: Por um lado, milhões de imigrantes provenientes de minorias nacionais oprimidas da Rússia se deslocam para as cidades mais ricas do país; por outro lado, milhões de imigrantes das colônias semicoloniais russas entram no país.

A população das regiões mais pobres da Rússia - como o Distrito do Extremo Oriente, na Sibéria, nos Urais ou Privolzhje - está sendo reduzindo sistematicamente devido à emigração. David Lane um especialista em burguesia russa informa: As minorias étnicas nacionais figuraram de maneira desproporcional nos movimentos da população. Estas áreas foram aquelas que tiveram uma exportação contínua das pessoas.” (50)

Essa migração em massa é impulsionada pela extrema desigualdade de salários entre a Rússia ea sua semi-periferia. Por exemplo, no final da primeira década dos anos 2000, o salário médio no Tadjiquistão foi de apenas 10% do salário médio na Rússia, enquanto que no Quirguistão e Uzbequistão foram apenas um pouco acima de 20%. Salários de média russos foram três vezes maiores do que na Moldávia e 2,5 vezes maior do que na Armênia. (51)

Também contribuiu para a migração dos países semicoloniais pobres o excesso de superpopulação que não consegue encontrar emprego. A maioria dos imigrantes russos vêm do Uzbequistão, Tadjiquistão e Quirguistão. No final de 2010, os imigrantes destes três países foram responsáveis por 55% do total de mão de obra estrangeira total legalmente na Rússia.

A migração constitui uma fuga maciça de capital humano dos países semicoloniais e, portanto, reduz a sua capacidade de aumentar sua própria riqueza nacional. Entre 620 mil e um milhão de imigrantes de Quirguistão estima-se que atualmente trabalham no exterior (a maioria deles na Rússia). (52) Os imigrantes representam 17% da população economicamente ativa do Quirguistão, para quase 37% do Tadjiquistão, e 15% da população ocupada do Uzbequistão.

O RCIT considera a Rússia, bem como os Estados Unidos e a União Europeia, como potências imperialistas. Como observamos acima discutindo sobre a China, os bolcheviques-comunistas recusam-se a tomar partido por uma das duas potências imperialistas rivais. Levantar-se-ia em ambos os campos o lema “*O principal inimigo está em casa*”.

Em um conflito entre a Rússia e uma nação oprimida – tais como os chechenos - nós apoiamos o direito à autodeterminação nacional das nacionalidades oprimidas.

Figura 3: Recursos Naturais da Rússia (45)



Notas de rodapé:

(1) O RCIT tem elaborado sua posição nestes conflitos em numerosas declarações.

Sobre a Guerra na Georgia Veja: LFI (Predecessor organization of the RCIT): Georgia War with Russia - A Socialist Analysis, 10.8.2008, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/georgia-war-2008-1/>; LFI: After Georgia: inter-imperialist tensions growing, 22.8.2008, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/georgia-war-2008-2/>; LFI: Georgia conflict signals the rise of Imperialist rivalry, 21.10.2008, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/georgia-war-2008-3/>

Sobre o conflito entre China e Japão Veja: Michael Pröbsting: No to chauvinist war-mongering by Japanese and Chinese imperialism! Chinese and Japanese workers: Your main enemy is at home! Stop the conflict on the Senkaku/Diaoyu-islands in the East China Sea! No to chauvinist war-mongering by Japanese and Chinese imperialism! RCIT, 23.9.2012, <http://www.thecommunists.net/worldwide/asia/no-war-between-china-and-japan/>

Sobre a Revolução Síria veja: See e.g. Yossi Schwartz: The Myth of Assad's Syria as an Anti-Imperialist Regime, Internationalist Socialist League (RCIT-Section in Israel/Occupied Palestine), November 2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/myth-of-assad-s-anti-imperialism/>; Michael Pröbsting: Syria: The Butcher in his own Words. Assad: A Friend of Israel and an Enemy of the Arab Popular Masses, 21.10.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/assad-s-own-words/>; RCIT: The Arab Revolution is a central touchstone for socialists! Open Letter to All Revolutionary Organizations and Activists, 4.10.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/open-letter-on-arab-revolution/>; RCIT: Syria: Down with the Imperialist Geneva Accord! Stop US and Russian imperialist interference in Syria! No imperialist-controlled "peace" negotiations which can only result in a defeat for the Revolution! International Solidarity with the Syrian Revolution against the murderous Assad Dictatorship!, 15.9.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/against-geneva-accord/>; Michael Pröbsting: US Administration: "Rebels fighting the Assad regime wouldn't support American interests if they were to seize power", 22.8.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/us-opposes-syrian-rebels/>; Yossi Schwartz: Class struggle and religious sectarianism in Syria, 12.6.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/class-struggle-and-religious-sectarianism-in-syria/>; Yossi Schwartz: Syria: After the defeat in Qusayr and ahead of the Battle for Aleppo, 11.6.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/syria-after-defeat-in-qusayr/>; ISL-Leaflet: Victory to the Revolution in Syria! <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/victory-to-revolution-in-syria>.

Sobre a crise na Ucrânia veja: Joint Statement of the RCIT and the Movement to Socialism (MAS, Russia): Ukraine: Rivalry between Imperialist Powers escalates after Right-Wing Coup: Stop the Imperialist Saber-Rattling! 2.3.2014; MAS: Ukraine/Russia: The victory over the imperialist colonialism is impossible without the proletarian revolution! <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/mas-declaration-5-3-2014/>; RCIT and MAS: Right-Wing Forces Take Power in the Ukraine: Mobilize the Working Class against the New Government! 25.2.2014, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/right-wing-coup-in-ukraine/>; MAS: No to the Terror of the Bandera-Fascists! Stop the Repression against the Communists of Ukraine!, 22.2.2014 <http://www.nuevomas.blogspot.co.at/2014/02/no-to-terror-of-bandera-fascists-stop.html>; RCIT: "Ukraine: Neither Brussels nor Moscow! For an independent Workers' Republic!" 18.12.2013, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/ukraine-neither-brussels-nor-moscow/>

(2) Ver Michael Pröbsting: The Great Robbery of the South. Continuity and Changes in the Super-Exploitation of the Semi-Colonial World by Monopoly Capital Consequences for the Marxist Theory of Imperialism, 2013, Chapter 10, <http://www.great-robbery-of-the-south.net/>; Michael Pröbsting: Russia as a Great Imperialist Power. The formation of Russian Monopoly Capital and its Empire - A Reply to our Critics, 18 March 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>

(3) Nos hemos ocupado de la teoría del imperialismo de Lenin ampliamente en otras publicaciones. Véase, por ejemplo Michael Pröbsting: El Gran Robo del Sur. Continuidad y Cambios en la Superexplotación del mundo semi-colonial por capital monopolista y de las Consecuencias para la teoría marxista del imperialismo, 2013, <http://www.great-robbery-of-the-south.net/>; Michael Pröbsting: Imperialism and the Decline of Capitalism (2008), in: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis (2008), <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>

(4) V. I. Lenin: Imperialism and the Split in Socialism (1916); in: CW Vol. 23, pp. 105-106 (Énfasis en el original)

(5) V. I. Lenin: A Caricature of Marxism and Imperialist Economism (1916); in: LCW Vol. 23, p. 34

(6) David W. Stelsel: U.S. Share of Global Economic Output Shrinking, June 28, 2012, <http://www.valeofinancial.com/2012/06/u-s-share-of-global-economic-output-shrinking/>

(7) Peter Marsh: China noses ahead as top goods producer, Financial Times, March 13, 2011, <http://www.ft.com/cms/s/0/002fd8f0-4d96-11e0-85e4-00144feab49a.html#axzz21RSTHoK4>

(8) World Bank: Global Development Finance 2012, p. 110 and Asian Development Bank: Asian Development Outlook 2012. Confronting Rising Inequality in Asia, p. 272

(9) The World's Biggest Companies, The Forbes Magazine, 18.4.2012, <http://www.forbes.com/sites/scottdecarlo/2012/04/18/the-worlds-biggest-companies/>; A Regional Look At The Forbes Global 2000; Forbes Magazine, 20.4.2011, <http://www.forbes.com/sites/scottdecarlo/2011/04/20/a-regional-look-at-the-forbes-global-2000-2/>

(10) Fortune Magazine: Fortune Global 500 list in 2012

(11) Capgemini and RBC Wealth Management: World Wealth Report 2012, p. 9

(12) Credit Suisse: Global Wealth Report 2012, p. 20

(13) China 2030. Building a Modern, Harmonious, and Creative High-Income Society, pp. 110-11

(14) China's State-owned Enterprise Lay-offs Finding New jobs: Minister, People's Daily, October 27, 2002, http://english.people-daily.com.cn/200210/27/eng20021027_105729.shtml

(15) Paul Mozur: Review of William Hurst's 'The Chinese Worker After Socialism', in: THE FAR EASTERN ECONOMIC REVIEW, May 2009, http://www.viet-studies.info/kinhte/chinese_worker_after_socialism.htm

(16) Qi Dongtao: Chinese Working Class in Predicament, in: East Asian Policy Volume 2, Number 2, Apr/Jun 2010, p. 6

(17) China Labour Bulletin: Migrant workers in China, 6 June, 2008, <http://www.clb.org.hk/en/node/100259>

(18) Research on Chinese Workers Editorial Collective: The Current and Future Condition of China's Working Class; in: China Left Review, Issue#4, Summer 2011, <http://chinaleftreview.org/?p=471>

(19) China Labour Bulletin: Migrant workers in China, 6 June, 2008

(20) Ver China Labour Bulletin: A Decade of Change. The Workers' Movement in China 2000-2010 (2012), www.clb.org.hk, pp. 9-10 and Edward Wong: China's Growth Slows, and Its Political Model Shows Limits, New York Times, May 10, 2012, <http://www.nytimes.com/2012/05/11/world/asia/chinas-unique-economic-model-gets-new-scrutiny.html?pagewanted=all>

(21) The People's Bank of China: Foreign Exchange Reserves in March 2012, <http://www.pbc.gov.cn/publish/html/2012s09.htm>

(22) Derek Scissors: China's Investment Overseas in 2010, Web

Memo No. 3133, February 3, 2011, Published by The Heritage Foundation, p. 2

(23) Miguel Perez Ludeña: Adapting to the Latin American experience; in: EAST ASIA FORUM QUARTERLY, Vol.4 No.2 April-June 2012, p. 13

(25) The Chinese in Africa: Trying to pull together. Africans are asking whether China is making their lunch or eating it; in: The Economist, Apr 20th 2011, http://www.economist.com/node/18586448?story_id=18586448; see also SA, not China, Africa's biggest investor: study, 23 July 2010, http://www.defenceweb.co.za/index.php?option=com_content&view=article&id=9049:sanot-china-africas-biggest-investor-study&catid=7:Industry&Itemid=116; Sanne van der Lugt, Victoria Hamblin, Meryl Burgess, Elizabeth Schickerling: Assessing China's Role in Foreign Direct Investment in Southern Africa, Oxfam Hong Kong and Centre for Chinese Studies 2011, pp. 68-74; UNCTAD: Asian Foreign Direct Investment in Africa. Towards a New Era of Cooperation among Developing Countries (2007)

(26) Stockholm International Peace Research Institute: Armaments, Disarmament and International Security, 2012, Summary, p. 9

(27) Stockholm International Peace Research Institute: Armaments, Disarmament and International Security, 2012, Summary, p. 14

(28) OECD Economic Surveys: Russian Federation, 2011, pp. 68-69

(29) Dirk Holtbrügge and Heidi Kreppel: Determinants of outward foreign direct investment from BRIC countries: an explorative study, International Journal of Emerging Markets Vol. 7 No. 1, 2012, p. 10

(30) The Economist: Emerging-market multinationals. The rise of state capitalism, Jan 21st 2012, <http://www.economist.com/node/21543160>

(31) Golden Shares gives the state the right of decisive vote, thus to veto all other shares, in a shareholders-meeting.

(32) The Economist: Emerging-market multinationals. The rise of state capitalism, Jan 21st 2012, <http://www.economist.com/node/21543160>.

(33) Gyuzel Yusupova: Kartellverfahren gegen russische Erdölfirmen in den Jahren 2008-2010, in: Russland-Analysen Nr. 217, 25.03.2011 p. 30

(34) *Der Spiegel*: Promising but Perilous: German Firms Put Off by Russian Corruption, April 03, 2013, <http://www.spiegel.de/international/europe/german-investors-discouraged-by-corruption-in-russia-a-892043.html>

(35) World Bank: Gross domestic product 2012, PPP; World Development Indicators database, 17 December 2013

(36) Kálmán Kalotay: The future of Russian outward foreign direct investment and the eclectic paradigm: What changes after the crisis of 2008-2009? UNCTAD 2010, pp. 16-17

(37) World Bank: International Debt Statistics 2013, p. 238

(38) Ver Russia Government Debt To GDP, <http://www.tradingeconomics.com/russia/government-debt-to-gdp> and Ernst & Young: Russia 2013. Shaping Russia's future, p. 9

(39) Benjamin Utter: Outward Foreign Direct Investment to the Natural Resource Sectors by Global Public Investors from Emerging Economies: Trends, Causes, Effects; World Trade Institute 2011, p. 14

(40) UNCTAD: World Investment Report 2012, pp. 169-172 and UNCTAD: World Investment Report 2013, pp. 212-216

(41) Wladimir Andreff: Comparing Outward Foreign Direct Investment Strategies of Russian and Chinese Multinational Companies: Similarities and Specificities, EAEPE Conference - Beyond Deindustrialisation: The Future of Industries, Paris, November 7-9, 2013, p. 36

(42) Stockholm International Peace Research Institute: Armaments, Disarmament and International Security, 2012, Summary, p. 14

(43) Asya Pereltsvaig: Traditionalism vs. Assimilation Among Indigenous Peoples of Siberia, March 22, 2012, <http://www.geocurrents.info/place/russia-ukraine-and-caucasus/siberia/traditionalism-vs-assimilation-among-indigenous-peoples-of-siberia>

(44) World of Maps, <http://www.worldofmaps.net/en/russland/map-russia/map-autonomas-areas-russia.htm>

(45) Les Rowntree, Martin Lewis, Marie Price, William Wyckoff: Diversity Amid Globalization: World Regions, Environment, and Development 2nd Edition. http://wps.prenhall.com/esm_rowntree_dag_2/6/1770/453337.cw/-/453371/index.html

(46) Irina Denisova: Income Distribution and Poverty in Russia (2012), OECD Social, Employment and Migration Working Papers, No. 132, OECD Publishing, p. 30

(47) Ver Rilka Dragneva and Kataryna Wolczuk: Russia, the Eurasian Customs Union and the EU: Cooperation, Stagnation or Rivalry?, Chatham House, August 2012, pp. 4-5

(48) Ben Judah, Jana Kobzova and Nicu Popescu: Dealing with A Post-BRIC Russia; The European Council on Foreign Relations, 2011, p. 26

(49) Ramūnas Vilpišauskas, Raimondas Ališauskas, Laurynas Kasčiūnas, Živilė Dambrauskaitė, Vytautas Sinica, Ihor Levenchenko, Victor Chirila: Eurasian Union: a Challenge for the European Union and Eastern Partnership Countries, Public Institution Eastern Europe Studies Centre, 2012, p. 31

(50) David Lane: Dynamics of Regional Inequality in the Russian Federation: Circular and Cumulative Causality, in: Russian Analytical Digest No. 139, 18 November 2013, p. 6

(51) Mikhail Golovnin and Aleksandra Yakusheva: Regional Effects of the Global Economic Crisis in the CIS: Migrants' Remittance, in: EDB Eurasian Integration Yearbook 2011, p. 76

(52) Evgeny Vinokurov and Vladimir Pereboyev: Labour Migration and Human Capital in Kyrgyzstan and Tajikistan: Impact of Accession to the SES, in: EDB Eurasian Integration Yearbook 2013, p. 70



CCBRI

Trabalhadores e Oprimidos, Uni-vos!

O que o CCRI defende

A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (CCRI) é uma organização de combate revolucionário lutando pela libertação da classe operária e de todos os oprimidos. Temos seções nacionais em vários países. A classe trabalhadora é composta por todos aqueles (e suas famílias), que são forçados a vender sua força de trabalho como assalariados para os capitalistas. O CCRI se mantém na teoria e prática do movimento operário revolucionário associado com os nomes de Marx, Engels, Lenine e Trotsky.

O capitalismo põe em perigo nossas vidas e o futuro da humanidade. O desemprego, as guerras, os desastres ambientais, a fome e a exploração são toda parte da vida cotidiana sob o capitalismo, assim como são a opressão imperialista das nações, a opressão nacional dos migrantes, e a opressão das mulheres, dos jovens e dos homossexuais. Portanto, queremos eliminar o capitalismo.

A libertação da classe operária e de todos os oprimidos só é possível em uma sociedade sem classes, sem exploração e sem opressão. Tal sociedade só pode ser estabelecida internacionalmente.

Portanto, o CCRI luta por uma revolução socialista âmbito nacional e em âmbito Internacional, ou seja, em todo o mundo.

Esta revolução deve ser realizada e levada a cabo pela classe trabalhadora, pois só essa classe tem o poder coletivo para derrubar a classe dominante e construir uma sociedade socialista.

A revolução não pode ser conquistada pacificamente porque a classe dominante não tem, nem nunca vai entregar voluntariamente o seu poder. Por necessidade, portanto, o caminho para a libertação inclui rebelião armada da classe operária e de todos os oprimidos é a guerra civil contra os capitalistas.

O CCRI segue lutando pelo estabelecimento de repúblicas de trabalhadores e camponeses, onde os oprimidos se organizem em conselhos democraticamente eleitos em comitês de trabalhadores de base nas fábricas, nos bairros e nas escolas. Esses conselhos, por sua vez, elegem e controlam o governo e todas as outras autoridades estaduais, e sempre mantêm o direito de removê-las.

O autêntico socialismo e comunismo não tem nada a ver com o chamado "socialismo" que governou na União Soviética, Europa Oriental, China e Cuba. Nesses países, o proletariado foi dominado e oprimido por uma burocracia privilegiada do partido.

Sob o capitalismo, o CCRI apoia todos os esforços para melhorar as condições de vida dos trabalhadores e oprimidos, ao mesmo tempo que se esforça para derrubar esse sistema que é baseado na exploração econômica das massas.

Para estes fins, trabalhamos a partir de dentro dos sindicatos, onde defendemos a luta de classes, o socialismo e democracia dos trabalhadores. Mas os sindicatos e a social-democracia são controlados por uma burocracia perniciosamente ligada com o estado e com o capital do estado, através de empregos com altos salários e outros privilégios. Assim, a burocracia sindical está longe de representar os interesses e as condições de vida de seus

membros, estando como está, no topo, como camadas privilegiadas da classe trabalhadora - a aristocracia operária não tem verdadeiro interesse em substituir o capitalismo. Portanto, a verdadeira luta pela libertação da classe operária, pela derrubada do capitalismo e estabelecer o socialismo, deve basear-se na grande massa do proletariado, em vez de seu "representante" dos estratos superiores da burocracia sindical.

Nós também lutar pela expropriação dos grandes proprietários de terras, bem como pela nacionalização da terra e sua distribuição aos camponeses pobres e sem-terra. Para atingir este objetivo lutamos pela organização independente dos trabalhadores rurais.

Nós apoiamos os movimentos de libertação nacional contra a opressão. Também apoiamos as lutas anti-imperialistas dos povos oprimidos contra as grandes potências. Dentro desses movimentos defendemos uma liderança revolucionária como uma alternativa para as forças nacionalistas ou reformistas.

Enquanto o CCRI esforça-se pela unidade de ação com outras organizações, estamos conscientes de que as políticas dos social-democratas e dos grupos pseudo-revolucionários são perigosas, e, finalmente, representam um obstáculo à emancipação da classe operária, dos camponeses, e de outros oprimidos.

Em guerras entre estados imperialistas tomamos uma posição derrotista revolucionária: não apoiamos ambos os lados, mas defendemos a transformação da guerra em uma guerra civil contra a classe dominante em cada um dos estados nacionais em guerra. Em guerras entre potências imperialistas (ou seus fantoches) contra os países semicoloniais defendemos a derrota dos primeiros pela vitória dos países oprimidos.

Como comunistas, nós afirmamos que a luta contra a opressão nacional e contra todos os tipos de opressão social (contra mulheres, jovens, minorias sexuais etc.) deve ser conduzida pela classe trabalhadora, porque só esta última é capaz de fomentar uma mudança revolucionária na sociedade. Portanto, estamos constantemente trabalhando apoiar movimentos revolucionários baseados na classe dos socialmente oprimidos, embora nós não opomos à liderança das forças pequeno-burguesas (feminismo, nacionalismo, islamismo, etc.), que, em última análise dançam a música dos capitalistas, e nos esforçamos para substituí-los por uma liderança comunista revolucionária.

Apenas com um partido revolucionário lutando como liderança da classe trabalhadora pode ser vitorioso em sua luta pela libertação. O estabelecimento de um tal partido e a execução de uma revolução bem-sucedida, como foi demonstrado pelos bolcheviques na Rússia sob Lênin e Trotsky continuam a ser os modelos para partidos revolucionários e revoluções no século 21.

Por um novo e revolucionário Partido de Trabalhadores em todos os países! Por uma 5ª Internacional dos Trabalhadores a ser fundada com um programa revolucionário! Junte-se à CCRI!

Não há futuro, sem o socialismo! Sem o socialismo, não há revolução! Não há revolução sem um partido revolucionário!

